



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO NORTE DO PARANÁ
Centro de Letras, Comunicação e Artes
Mestrado Profissional em Letras em Rede



SANDRA VAZ DE LIMA

**HISTÓRIAS EM QUADRINHOS:
A FORMAÇÃO DO ALUNO LEITOR COM A OBRA *TRÊS*
SOMBRAS DE CYRIL PEDROSA**

Cornélio Procópio
2020

SANDRA VAZ DE LIMA

**HISTÓRIAS EM QUADRINHOS:
A FORMAÇÃO DO ALUNO LEITOR COM A OBRA *TRÊS*
SOMBRAS DE CYRIL PEDROSA**

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Letras em Rede (PROFLETRAS) da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), como requisito à obtenção do Título de Mestre em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Nerynei Meira Carneiro Bellini

Cornélio Procópio
2020

Ficha catalográfica elaborada pelo autor, através do
Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UENP

LL732h LIMA, Sandra Vaz de
Histórias em Quadrinhos: a formação do aluno leitor
com a obra Três Sombras de Cyril Pedrosa / Sandra
Vaz de LIMA; orientadora Nerynei Meira Carneiro
BELLINI - Cornélio Procópio, 2020.
120 p. :il.

Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade
Estadual do Norte do Paraná, Centro de Letras,
Comunicação e Artes, Programa de Pós-Graduação em
Letras, 2020.

1. História em quadrinhos. . 2. Leitura.. 3.
Método Criativo.. 4. Senso crítico. I. BELLINI,
Nerynei Meira Carneiro, orient. II. Título.

SANDRA VAZ DE LIMA

**HISTÓRIAS EM QUADRINHOS:
A FORMAÇÃO DO ALUNO LEITOR COM A OBRA *TRÊS
SOMBRAS DE CYRIL PEDROSA***

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Letras em Rede (PROFLETRAS) da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), como requisito à obtenção do Título de Mestre em Letras.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Nerynei Meira Carneiro Bellini
Universidade Estadual do Norte do Paraná – UENP
Orientadora

Profa. Dra. Kátia Rodrigues de Mello Miranda
Universidade Estadual Paulista – UNESP
Examinador Externo

Prof. Dr. Thiago Alves Valente
Universidade Estadual do Norte do Paraná – UENP
Examinador Interno

Cornélio Procópio, 20 de fevereiro de 2020.

**“Feliz aquele que transfere o que sabe
e aprende o que ensina.”**

Cora Coralina

A Deus, que nos criou e foi criativo nesta tarefa. Seu fôlego de vida em mim sustentou-me, dando coragem para questionar realidades e propor um novo mundo de possibilidades.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter proporcionado saúde e força para superar as dificuldades, com perseverança para chegar até o final.

À minha família pelo carinho e apoio ao longo desta trajetória, dando-me apoio necessário quando precisei.

À minha orientadora Nerynei, pela dedicação e paciência, seus conhecimentos fizeram grande diferença no resultado final deste trabalho.

A UENP, corpo docente, direção e administração, demonstrando comprometimento com a qualidade e excelência do ensino.

E a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, muito obrigada.

LIMA, Sandra Vaz de. Histórias em Quadrinhos: a formação do aluno leitor com a obra *Três Sombras* de Cyril Pedrosa. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras). Universidade Estadual do Norte do Paraná, Cornélio Procópio, 2020.

RESUMO

O presente trabalho aborda questões relacionadas à leitura, a partir do gênero textual história em quadrinhos (HQ), com análise da obra *Três Sombras* (2011), de Cyril Pedrosa e traz reflexões sobre a prática de leitura, que em muitos casos não se efetiva de forma significativa e não faz parte do cotidiano dos educandos. A pesquisa teve o intuito de investigar como esse gênero, ao utilizar fatos da atualidade, desperta o interesse pela leitura e desenvolve o senso crítico dos educandos. Isso porque, as HQ, com as diferentes linguagens que as compõem, colaboram para a formação do aluno leitor e promovem o intercâmbio entre o aluno e a leitura, com novas possibilidades de utilização dos quadrinhos no âmbito educacional, considerando diversas vozes e contextos socioculturais na escola. O projeto de intervenção foi implementado na turma do 9º Ano, do Colégio Estadual Jardim Alegre, município de Telêmaco Borba – Paraná, utilizou a abordagem qualitativa e a investigação exploratória, com revisão bibliográfica e, ainda, a pesquisa-ação, com dados coletados por meio de observações, questionários e atividades dos educandos. Em sala de aula, desenvolveu-se o método criativo proposto por Bordini e Aguiar (1989), com a associação das HQs, como um meio de apropriação e transformação da realidade, a fim de gerar prazer e conhecimento de forma não exclusiva. A partir deste projeto, os alunos obtiveram hábitos de leituras significativas, com novas oportunidades que aprofundem saberes sobre o mundo, atuando de forma ativa na sociedade como um cidadão participativo.

Palavras-chave: História em quadrinhos. Leitura. Método Criativo. Senso crítico.

LIMA, Sandra Vaz de. Comics: the formation of the student reader with the work Três Sobras by Cyril Pedrosa. Dissertation (Professional Master in Letters). State University of Northern Paraná, Cornélio Procópio, 2020.

ABSTRACT

The present work addresses issues related to reading, from the textual genre comics (HQ), with analysis of Cyril Pedrosa's Três Sombras (2011) and brings reflections on reading practice, which in many cases is not significantly effective and does not part of the daily life of the students. The research aimed to investigate how this genre, when using current facts, arouses interest in reading and develops the critical sense of students. This is because the comics, with the different languages that compose them, contribute to the formation of the student reader and promote the exchange between the student and reading, with new possibilities for the use of comics in the educational field, considering various voices and sociocultural contexts in the field. school. The intervention project is implemented in the 9th grade class of the Jardim Alegre State College, municipality of Telêmaco Borba - Paraná, using the qualitative approach and the exploratory research, with bibliographic review and also the action research, with data collected by through observations, questionnaires and student activities. In the classroom, the creative method proposed by Bordini and Aguiar (1989), with the association of comics, was developed as a means of appropriation and transformation of reality, in order to generate pleasure and knowledge in a non-exclusive way. From this project, it is expected that students gain meaningful reading habits, with new opportunities that deepen knowledge about the world, acting actively in society as a participative citizen

Keywords: Comic books. Reading. Creative method. Critical sense.

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1: Tabuletas
- Figura 2: Leitura individual
- Figura 3: Livros em formato de rolos
- Figura 4: Religiosos em mosteiros
- Figura 5: Clérigos
- Figura 6: Âmbito educacional
- Figura 7: Arte Rupestre
- Figura 8: Desenhos egípcios
- Figura 9: Imagens nas paredes das cidades de Pompeia e Herculano
- Figura 10: Monge copista
- Figura 11: Xilogravura
- Figura 12: La Famille Fenouilliard
- Figura 13: Garoto amarelo
- Figura 14: Personagens Hans e Fritz
- Figura 15: Personagem Pafúncio
- Figura 16: Gato Felix
- Figura 17: Piker Clerk
- Figura 18: Personagem Spirit
- Figura 19: Suplemento Juvenil
- Figura 20: Tico Tico
- Figura 21: Suplemento Juvenil
- Figura 22: Personagem Pererê
- Figura 23: Figuras em sequência
- Figura 24: Visual e verbal
- Figura 25: Imagem fixa
- Figura 26: Narrador onisciente
- Figura 27: Balão fala 1
- Figura 28: Balão fala 2
- Figura 29: Tamanho normal que o maior, em negrito
- Figura 30: Tamanho menor que o normal
- Figura 31: Tremidas

Figura 32: Alfabetos ou tipologias diferentes

Figura 33: Onomatopeias 1

Figura 34: Onomatopeias 2

Figura 35: Onomatopeias 3

Figura 36: Requadro

Figura 37: Espaço entre os requadros

Figura 38: Metáforas visuais 1

Figura 39: Metáforas visuais 2

Figura 40: Plano geral

Figura 41: Plano total ou de conjunto

Figura 42: Plano médio ou aproximado

Figura 43: Plano americano

Figura 44: Primeiro plano

Figura 45: Plano detalhe, pormenor ou close-up

Figura 46: Ângulo de visão médio

Figura 47: Ângulo de visão superior, plongé ou picado

Figura 48: Ângulo de visão inferior, contre-plongé ou contra-pico

Figura 49: Capa do livro *Três Sombras*, de Cyril Pedrosa

Figura 50: Pôster da Obra *Três Sombras*, de Cyril Pedrosa

Figura 51: Exemplos de impressões sobre a obra *Três Sombras*

Figura 52: Leitura compartilhada

Figura 53: Mini esculturas de biscuit

Figura 54: Livro 3D

Figura 55: Produção de texto

Figura 56: Confeção de fantoches 1

Figura 57: Confeção de fantoches 2

Figura 58: Apresentação de teatro

Figura 59: Produção de vídeo

Figura 60: Página do Facebook

Figura 61: Seminário

Figura 62: Coletânea de HQ

Figura 63: Exposição dos materiais

Figura 64: Café literário

LISTA DE ABREVIações

ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio

HQ – História em Quadrinhos

LDB – Lei de Diretrizes e Bases

MEC – Ministério da Educação

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais

PNBE – Programa Nacional Biblioteca na Escola

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
SEÇÃO 1 ASPECTOS RELACIONADOS À LEITURA.....	18
1.1 História da Leitura	18
1.2 Leitura no Brasil.....	25
1.3 Leitura na escola.....	28
1.4 Estratégias de leitura.....	32
SEÇÃO 2 HISTÓRICO DOS QUADRINHOS.....	36
2.1 Trajetória histórica dos quadrinhos.....	36
2.2 Os quadrinhos no Brasil.....	48
2.3 Conceito e elementos dos quadrinhos.....	56
2.4 História em Quadrinhos em sala de aula.....	72
SEÇÃO 3 PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA.....	79
3.1 Metodologia.....	79
3.2 Instituição de Ensino.....	80
3.3 Intervenção Pedagógica.....	82
3.3.1 Características da obra escolhida.....	82
3.3.2 Desenvolvimento do projeto de intervenção.....	87
3.3.2.1 Etapas.....	87
a) Constatação de uma carência.....	87
b) Coleta desordenada de dados.....	87
c) Elaboração interna dos dados.....	88
d) Constituição do projeto criador.....	88
e) Elaboração matéria.....	89
f) Divulgação do trabalho.....	92
3.4 Implementação do projeto.....	92
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	111
REFERÊNCIAS.....	114

INTRODUÇÃO

Durante minha infância tive a oportunidade de ter acesso a várias leituras, pois minha professora da primeira série, formada em Letras, sempre incentivava o hábito da leitura e disponibilizava livros para realizarmos leituras em sala de aula e também em casa. Além disso, minhas irmãs, que cursavam Magistério, sempre traziam novidades na área literária e eu, sempre curiosa, acabava tendo acesso e realizando a leitura.

Com o passar dos anos tive vários professores que me influenciaram a ser uma aluna leitora; ao iniciar o curso de Letras, apaixonei-me ainda mais pela Literatura, pela forma carismática e entusiasmada de ministrar aula de um inesquecível professor, que nos fazia adentrar as histórias, sempre querendo mais e mais, viajando neste mundo imaginário que a leitura proporciona.

Posteriormente, tornando-me profissional da educação, sempre tive a preocupação em despertar o gosto pela arte leitora, especialmente por perceber que o hábito de leitura de nossos alunos está longe de ser efetivo. Isso porque a grande maioria não se conscientiza dessa importância; muitos leem por obrigação e somente o que é solicitado, não conseguindo visualizar o ato de ler como algo prazeroso, e não tem motivação de ler espontaneamente. Desse modo, os alunos perdem a oportunidade de conhecer e usufruir de experiências novas, importantes para o desenvolvimento sociocognitivo.

A leitura é uma prática importante na vida profissional e social dos indivíduos, sendo essencial para o processo de ensino e aprendizado significativo, uma vez que, pela leitura, abrem-se novas oportunidades para aprofundar saberes sobre o mundo, de forma a atuar ativamente na sociedade como um cidadão participativo.

Como aluna do Mestrado Profissional – PROFLETRAS da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), escolhi as Histórias em Quadrinhos (HQ) pelo fato de perceber em sala de aula o interesse dos alunos por esse gênero, quando manuseiam os livros didáticos. A escolha das HQ deve-se, ainda, por envolver, ademais dos elementos verbais, a linguagem não verbal, que desperta o gosto pela leitura, uma vez que as palavras e as imagens tornam a história mais atraente, com vastas possibilidades de serem trabalhadas em sala de aula. É nesse espaço que o

educando tem a oportunidade de entrar em contato com novos saberes de maneira lúdica rumo à formação do aluno leitor.

A sociedade atual, com transformações constantes, demanda a elaboração de novos caminhos de ensino e aprendizagem, nas instituições escolares, de maneira que o aprendizado deve ser mais dinâmico e relacionado à realidade dos educandos. Nesse sentido, as HQ, com o uso de imagens em situações contextuais, constitui uma alternativa que permite trabalhar assuntos de modo atrativo e prazeroso, propiciando o entendimento relacionado à leitura.

A partir do exposto, a pesquisa teve o intuito de investigar como este gênero, ao utilizar fatos da atualidade, desperta o interesse pela leitura e desenvolve o senso crítico dos educandos, uma vez que, com a utilização de diferentes linguagens e com a retomada temática de fatos do cotidiano, pode haver o intercâmbio entre o educando e a leitura e, portanto, a efetivação do processo de ensino e aprendizagem.

Ramos e Vergueiro (2015, p. 37) enfatizam que “quadrinhos são uma manifestação artística autônoma, assim como o são a literatura, o cinema, a dança, a pintura, o teatro e tantas outras formas de expressão”.

Dessa forma, as HQ aproximam-se do cotidiano dos nossos educandos, representando fatos corriqueiros por meio da imagem gráfica, e o professor como mediador, pode criar estratégias que promovam práticas diversificadas de leitura, num espaço de aprendizagem que leve ao desenvolvimento crítico dos educandos, em busca do protagonismo e respeito à heterogeneidade de pensamentos.

No mundo dos quadrinhos o artista usa a imaginação para representar a história, uma vez que apresentam uma estética artística que engloba formas, cores, cenário, imagens, diálogos, trazendo significação e estabelecendo comunicação com o leitor.

Will Eisner (1989) traz a definição de quadrinhos como arte sequencial, com a função principal de transmitir ideias, utilizando figuras na sequência para contar uma história. McCloud (2005) confirma o conceito de arte sequencial, provida de características e linguagem próprias e, por isso, é conhecida como nona arte.

Nesta pesquisa, investigou-se como as histórias em quadrinhos, com a obra *Três Sombras* (2011) de Cyril Pedrosa, desperta o interesse pela leitura, dos alunos

do 9º ano do Ensino Fundamental, por meio de fatos da atualidade, incorrendo no senso crítico do educando.

As HQs, com as diferentes linguagens que as compõem, colaboram para a formação do aluno leitor, adaptando-as ao cotidiano do educando. Promovem, ainda, o intercâmbio entre o aluno e a leitura e possibilitam o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem. Consequentemente, são viáveis novas possibilidades de utilização das HQs no âmbito educacional, quando se consideram as diversas vozes e os contextos socioculturais na escola.

A fim de alcançar os objetivos propostos, serão levados em conta os teóricos dedicados ao estudo da leitura e das HQ, como Vergueiro (2005), Ramos (2012), Eisner (1989), McCloud (2005), Cirne (1970) e Carvalho (2006), que defendem o potencial dos quadrinhos como forma de arte e expressão de ideias, não se restringindo ao entretenimento, mas sim, desenvolvendo a cognição e o senso crítico do alunado.

O projeto de intervenção pedagógica foi desenvolvido no contexto escolar, com turma de 9º ano, no período vespertino, do Colégio Estadual Jardim Alegre do município de Telêmaco Borba – Paraná.

Na base metodológica constam os teóricos Gil (1999) e Thiollent (2005), numa abordagem qualitativa e a investigação exploratória, com revisão bibliográfica, e a pesquisa-ação, com dados coletados por meio de observações, questionários e atividades dos educandos.

Para o desenvolvimento das atividades em sala de aula, utilizou-se o método criativo proposto por Bordini e Aguiar (1989), associado usualmente a práticas de caráter artístico. Em específico, neste trabalho, as histórias em quadrinhos são abordadas como um meio que proporciona a apropriação e a transformação social, com vistas ao conhecimento trabalhado de forma não exclusiva.

Este método precisa atender a três fatores constituintes: o sujeito criador, o processo de criação e o contexto cultural e histórico, seguindo as etapas: 1) constatação de uma carência; 2) coleta desordenada de dados; 3) elaboração interna dos dados; 4) constituição do projeto criador; 5) elaboração da matéria e; 6) divulgação do trabalho.

A primeira seção deste trabalho inicia-se com a apresentação dos aspectos relacionados à leitura, com uma breve abordagem da história da leitura, bem como os desdobramentos da leitura no Brasil e, conseqüentemente, a leitura na escola.

Na segunda seção, aborda-se o histórico dos quadrinhos, ou seja, sua trajetória histórica no panorama mundial e, também, no Brasil, a fim de se fazer conhecer as especificidades das HQ em âmbito nacional.

Na terceira seção, apresenta-se a proposta de intervenção pedagógica, com a explanação da metodologia, dos aspectos relacionados à Instituição de Ensino, das características da obra escolhida e do desenvolvimento das etapas do projeto de intervenção.

SEÇÃO I

ASPECTOS RELACIONADOS À LEITURA

1.1 História da Leitura

Pode-se dizer que as primeiras atividades de leitura ocorreram na Antiguidade, quando os homens das cavernas deixavam suas mensagens grafadas por meio de desenhos feitos em pedras ou em cascas de árvores. Essas figuras representavam suas ações cotidianas, quase sempre em busca da sobrevivência e, conseqüentemente, aprimoravam a comunicação e a interação.

Estabeleceram, assim, maneiras diferentes de expressão, que serviram de ensinamentos aos descendentes, para transmitir costumes e vivências. Aqueles que visualizavam as imagens e entendiam as mensagens, já estavam realizando uma leitura.

A sociedade em constante transformação necessitava de um código que fosse compreensível e aceito por todos, para que houvesse uma melhor comunicação, a fim de colaborar com as relações familiares, sociais e econômicas, portanto, o processo de leitura foi se modificando a partir das mudanças ocorridas na sociedade.

Com o passar do tempo surgiram códigos pré-estabelecidos cujos registros eram feitos em tabuletas de argila, depois, em papiros, pergaminhos e, por fim, em papéis. Havia os escribas, pessoas responsáveis pelos registros escritos das informações orais repassadas por poetas, comerciantes, donos de propriedades, dentre outros.

O processo de escrita teve como funções primordiais a compra, venda e troca de produtos. À época, as atividades comerciais eram registradas em tabuletas, conforme aparece na figura 1, a fim de preservarem as informações, contudo, era imprescindível alguém que decifrasse o que estava escrito, sendo necessário um indivíduo leitor. (MANGUEL, 2002).



Figura 1: Tabuletas

Fonte: MANGUEL, 2002, p. 211.

Percebemos que o desenvolvimento da escrita transformou a comunicação humana, permitindo a evolução da leitura a fim de que homens e mulheres tivessem acesso aos registros produzidos em tempo e espaço diferentes. Chartier (1998, p. 82) destaca que “a leitura oral, representada nas telas de pintores e iluminadores, que requeria um esforço intenso que mobilizava o corpo inteiro, cedeu espaço para a leitura dos livros folheados, nos quais os leitores manuseiam suas páginas”.

O papiro, criado por volta de 2500 a.C. no Egito, é considerado o primeiro material de suporte para a prática de escrita. Depois de pronto era enrolado num pedaço de madeira ou marfim, formando um rolo.

Entre os povos gregos e romanos, somente os nobres sabiam ler e escrever e seus registros diziam respeito a leis e fatos culturais transmitidos aos que tinham interesses por questões filosóficas, literárias e artísticas.

Refletindo, ainda, sobre a prática leitora da Grécia antiga, cabe destacar que a leitura era feita em voz alta, pois o leitor ia desenrolando o papiro e lendo-o para o povo. O leitor individual, demonstrado na figura 2, também realizava a leitura em voz alta, como destaca Cãnfora (1989, p. 927): “mesmo o leitor solitário lia à meia voz, o que reduzia as distâncias entre a leitura individual e a leitura coletiva. Jamais se fazia a leitura silenciosa, porque era costumeiro fazê-la em voz audível”.



Figura 2: Leitura individual

Fonte: MANGUEL, 2002, p. 64.

Sobre a leitura em voz alta, Manguel (2002) destaca que:

Os livros eram principalmente lidos em voz alta, as letras que os compunham não precisavam ser separadas em unidades fonéticas; bastava amarrá-las juntas em frases contínuas. A direção em que os olhos deveriam seguir esses carretéis de letras variava de lugar para lugar e de época para época; o modo como atualmente lemos um texto no mundo ocidental - da esquerda para a direita e de cima para baixo - não é de forma alguma universal. Alguns escritos eram lidos da direita para a esquerda (hebreu e árabe), outros em colunas, de cima para baixo (chinês e japonês); uns poucos eram lidos em pares de colunas verticais (maia); alguns tinham linhas alternadas lidas em direções opostas, de um lado para o outro - método chamado *boustrophedon*, “como um boi dá voltas para arar”, na Grécia antiga. Outros ainda serpenteavam pela página, como um jogo de trilha, sendo a direção indicada por linhas ou pontos (asteca) (MANGUEL, 2002, p. 64).

Em Roma, em meados dos séculos II e III, a prática leitora era realizada por meio de um rolo de papiro, desenrolado à medida que a leitura era feita em voz alta, por nobres e/ou sacerdotes, na maioria das vezes, auxiliados por um escravo, para manusear o rolo. Conforme Chartier (1998, p. 14), para ser lido “o livro em forma de rolo deve ser segurado com as duas mãos. Enrolado nas extremidades sobre dois suportes de madeira, o texto é desdobrado diante dos olhos de seu leitor”.

Uma das maiores bibliotecas do mundo antigo, fundada por Alexandre, o grande, foi a Biblioteca de Alexandria cujo tutor era Aristóteles. Sua existência durou

até a Idade Média, quando foi destruída por um incêndio. Chartier (1998) afirma que em Alexandria:

O texto se apresentava ainda sob a forma de rolos. Com mais de quinhentos mil rolos, a biblioteca de Alexandria dispunha, de fato, de um número de obras muito menos significativo, já que uma obra podia ocupar, sozinha, dez, vinte, até trinta rolos. O catálogo da biblioteca era constituído de cento e vinte rolos. É possível imaginar as operações manuais que a busca do universal exigia (CHARTIER, 1998, p. 118).

Neste período, o ato de ler era realizado sempre em voz alta, desenrolando o livro em formato de rolos, conforme figura 3; e entoando as palavras como um recital, segundo destaca Manguel (2002, p. 60): “dezenas de leitores espalhando tabuletas ou desenrolando pergaminhos, murmurando para si mesmos uma infinidade de histórias diferentes”.

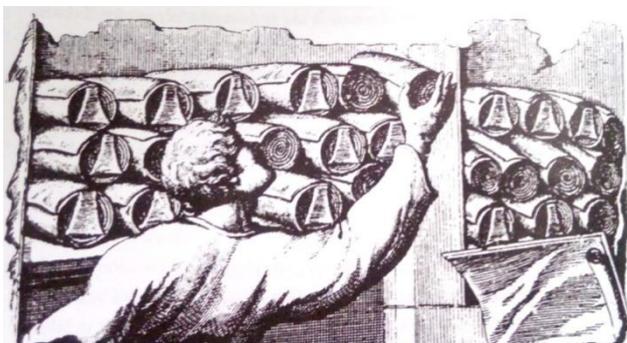


Figura 3: Livros em formato de rolos

Fonte: MANGUEL, 2002, p. 152.

Essa maneira de praticar a leitura era acompanhada pela sonoridade e ritmos de instrumentos de cordas e por movimentos humanos, à semelhança de uma dramatização. A atividade leitora constituía um hábito, especialmente dos intelectuais cultos e ricos os quais tinham o costume de se reunir em espaços públicos, para acompanhar um leitor numa leitura compartilhada.

Os escritores acreditavam que aos leitores bastavam ouvir a obra quando era lida em voz alta por uma pessoa alfabetizada e, portanto, não necessitavam ter contato direto com o texto. (MANGUEL, 2002).

Por isso, apesar da criação de bibliotecas, não houve aumento do número de leitores; a grande maioria da população ateniense, alfabetizada de maneira

rudimentar, utilizava esse saber apenas para os negócios e administração do patrimônio.

Com o cristianismo, a leitura no Império Romano conseguiu atingir um patamar mais elevado, devido à democratização do Novo Testamento. Esse acesso individual aos textos sagrados, isto é, sem a condução de sábios e estudiosos, era tido pela igreja como perigoso, pois os leitores leigos e sem instrução especializada poderiam interpretá-los da maneira que mais lhes convinha. (CÂNFORA, 1989).

Dessa forma, houve a difusão da leitura com a escrita do Novo Testamento, especialmente no período transitório da Antiguidade para a Idade Média, influenciando, ainda, a origem de técnicas pedagógicas no ensino e aprendizagem da leitura, por meio de orações e leitura de textos religiosos, representada pela figura 4, nos mosteiros.

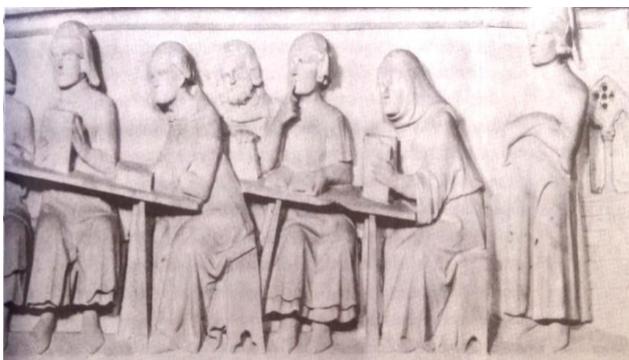


Figura 4: Religiosos em mosteiros

Fonte: MANGUEL, 2002, p. 75.

A partir do século XV, com a invenção da prensa, por Gutenberg, a leitura deu um salto importantíssimo, já que, anteriormente, conforme Chartier (1998), só era possível reproduzir um texto copiando-o à mão, e, na era moderna, uma nova técnica, baseada nos tipos móveis e na prensa, transfigurou a relação com a cultura escrita.

A prensa trouxe o benefício da rapidez, da diminuição dos preços e da uniformização dos textos. Além disso, houve a possibilidade de produzir vários exemplares do mesmo livro e, assim, os custos diminuíram e as pessoas tiveram a oportunidade de adquirirem a própria obra.

A grande revolução da leitura ocorreu nos mosteiros, onde se desenvolveu a leitura silenciosa, como uma maneira diferente do ato de ler. Para Chartier (1998, p.

18), “a leitura silenciosa favorece um relacionamento mais íntimo e intenso com a escrita e promove maior liberdade ao leitor o qual, inclusive, tem a oportunidade de estabelecer relação com o livro e as palavras”.

Nos séculos XII a XIV, com o desenvolvimento das cidades, surgem modelos de alfabetização, nos quais o ato de ler estava mais atrelado à escrita. Todavia, a leitura, ainda, era trabalhada como um exercício de memória, sem que o leitor tivesse um contato mais aprofundado com o texto.

No século XVI, o modelo escolástico estava presente na Europa, inserido no Ensino Superior e nas escolas que seguiam padrões religiosos, buscando treinar clérigos, conforme figura 5, especialmente nas áreas de artes, leitura, escrita, canto e cálculo. (MANGUEL, 2002).



Figura 5: Clérigos

Fonte: MANGUEL, 2002, p. 94.

Já, no século XVII, vários filósofos defendiam que o conhecimento deveria ser desenvolvido por meio de diferentes modos e que os livros deveriam ser utilizados como fonte básica de saberes, especificamente, fundamentais na área de Humanidades e Ciências Naturais.

Nos séculos XVI e XVII, a imprensa inovou o material tipográfico, com uma dupla leitura, a do texto e da imagem. Por isso, podiam-se ver cartazes fixados nas paredes das casas, igrejas e oficinas. Segundo Chartier (1998, p. 40), “a abordagem humanista da leitura faz parte do que sobreviveu da herança clássica e, acertadamente, é vista como uma característica da Renascença”.

Durante o século XVIII, considerado século das Luzes ou Iluminismo, as ideias são fundamentadas na razão e, assim, a leitura surge como uma maneira de formação da identidade social da burguesia. Manguel (2002) ainda acrescenta que:

A passagem do método escolástico para sistemas mais liberais de pensamento trouxe outro desdobramento. Até então, a tarefa de um erudito havia sido - tal como a do professor - a busca do conhecimento inscrita dentro de certas regras, cânones e sistemas aprovados de ensino. A responsabilidade do professor era considerada pública, tornando os textos e seus diferentes níveis de significado disponíveis ao público mais amplo possível, afirmando uma história social comum da política, da filosofia e da fé. (MANGUEL, 2002, p. 102)

No período de 1789 a 1799, em plena Revolução Francesa, ideias inovadoras foram debatidas e aprofundadas. No âmbito educacional, representado pela figura 6, muitas discussões ocorreram, contudo, subjacentes a elas, estava o fato de os grandes empresários necessitarem de mão de obra qualificada para suas indústrias. Todavia, perseverou o aspecto de a educação ser uma necessidade social e, por isso, os governantes deveriam favorecê-la às pessoas, de maneira indiscriminada.

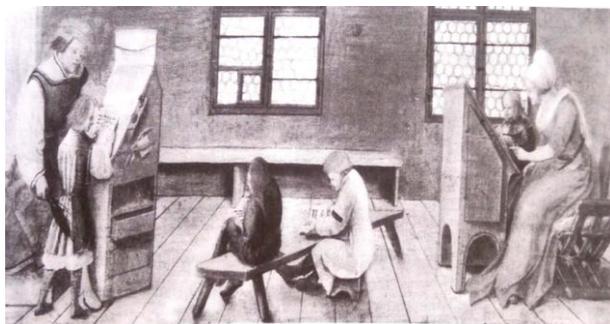


Figura 6: Âmbito educacional

Fonte: MANGUEL, 2002, p. 95.

No século XVIII, com a Revolução Industrial, houve mudanças não apenas nos meios de produção, mas também afetou o modo de vida e as relações de trabalho e, ainda, gerou novas formas de aquisição dos conhecimentos para atuação nas indústrias. Além disso, a produção de papel contribuiu para que os livros tornassem-se mais acessíveis, sendo um modelo de negócios e capital.

Diante desse contexto, as questões referentes aos livros indicam as mudanças ocorridas na sociedade, cruciais ao desenvolvimento da leitura. Esse processo teve origem na pré-história, com as pinturas rupestres, depois, na antiguidade, com a invenção da escrita e a utilização de rolos e pergaminhos, até a revolução da prensa, na modernidade, e a comunicação eletrônica, nos dias de hoje.

Em todos esses momentos percebe-se que as técnicas de escrita inventam e reinventam o leitor.

1.2 Leitura no Brasil

No Brasil, desde a colonização, a educação desenvolveu-se com os jesuítas, utilizando uma pedagogia com um cunho religioso. Isso só se modificou em 1759, quando os religiosos foram expulsos por Pombal. Azevedo (1971) ressalta que o ensino jesuítico:

[...] envelhecera e petrificara em várias gerações e, aniquilando-se nessas formas antigas, já se mostrava incapaz de adaptar os seus métodos às necessidades novas. Em Portugal, intervinham ainda, para tornar mais acirrada essa campanha tenaz, dois elementos de propaganda contra os jesuítas: o monopólio do ensino que eles exerciam desde 1555, quando D. João III lhes confiou a direção do Colégio das Artes, e miséria econômica e intelectual do reino, pela qual esses religiosos eram apontados como os principais responsáveis. (AZEVEDO, 1971, p. 545).

Pombal foi responsável pelas reformas, tanto no meio educacional, como político e econômico, em busca do desenvolvimento cultural do país. Como cita Azevedo (1971, p. 555), “as reformas de Pombal, serviram, sem dúvida, para infiltrar na elite colonial a corrente do espírito moderno e inaugurar, com algumas figuras de escola, a cultura científica do Brasil”.

Outra inovação pedagógica adveio de Pestalozzi, que, por sua vez, seguiu algumas ideias de Rousseau e apresentou a leitura como um condutor do desenvolvimento da língua materna. Nela, o ensino seria um propulsor das capacidades humanas, com vistas à autonomia, na tríplice concepção: intelectual, moral e física. Incontri (1997) cita as ideias de Pestalozzi:

[...] para Pestalozzi, a organização exterior reflete a organização interna. Não há possibilidade de se fazer uma sociedade justa se não houver homens justos. Por isso, Todo o seu esforço, muito além de querer instruir ao povo, foi no sentido de moralizar o homem, de convocá-lo a tornar-se o que ele é potencialmente. E para isso, ao contrário da maioria absoluta dos pensadores, Pestalozzi não se satisfaz em semear ideias: tomou pelas mãos o próprio homem, ainda criança, para tentar conectá-lo consigo mesmo. (INCONTRI, 1997, p. 24).

Pestalozzi contribuiu para o aprimoramento da educação infantil, pois defendeu que às crianças caberia a chance de desenvolver suas potencialidades, de forma livre, autônoma e equilibrada, tanto no físico como no intelecto.

A formação integral do ser humano permitiria o desabrochar das potencialidades das crianças, assim, a interação com o meio no qual estão inseridas e a compreensão de seu próprio processo de aprendizagem. (INCONTRI, 1997).

Zilberman e Silva (1988, p. 21-22) destacam que surge uma política educacional, “a crença no poder da razão e da ciência, legado do Iluminismo, projeto liberal de igualdade de oportunidades; [...] e a luta pela consolidação dos Estados Nacionais, meta do nacionalismo”.

Durante o século XIX, a sede da Coroa Portuguesa veio ao Brasil porque a família real portuguesa necessitou se refugiar dos ataques liderados por Napoleão Bonaparte. Nesse contexto, ocorreram várias mudanças para atender as necessidades da elite, mas o ensino primário continuou seguindo a instrumentalização da escrita e da leitura. Conforme Azevedo (1971, p. 582), manteve-se “a instrução primária, confiada às províncias e reduzida quase exclusivamente ao ensino da leitura, escrita e cálculo, sem nenhuma estrutura e sem nenhum caráter formativo”.

Somente no final do século XIX surgiram as práticas da Escola Nova, com o ensino envolvendo, inclusive, jogos educativos, numa pedagogia libertadora, que busca a construção do conhecimento.

Seguindo as tendências sociais e culturais, no século XX, no Brasil, ocorre a Semana da Arte Moderna, cujos propósitos eram a busca da liberdade de expressão nas artes e a ruptura com o rigor tradicionalista, tem-se, então, o Modernismo.

Posteriormente, na década de 1930, com a Era Vargas, há uma reestruturação sociopolítica e a educação passa a ser tratada como um veículo de ascensão social, com isso, desponta o anseio pelo desenvolvimento e a formação do leitor, porém, restrito à classe média alta, o que favorece apenas o elitismo social e cultural.

Apesar do surgimento de interesse pela leitura, não havia materiais bibliográficos consistentes voltados às crianças. Monteiro Lobato foi um dos

primeiros escritores a perceber essa carência e, por isso, começou a escrever para o público infantil; em 1921, houve a publicação da obra inaugural *Narizinho Arrebitado*.

Essas transformações, contudo, duraram pouco, pois o golpe de Estado de 1964 congelou esse trabalho. Quanto à leitura, houve censuras de várias obras e enfatizava-se, somente, a alfabetização e o ensino técnico.

Abreu (2000, p. 14) explicita que a busca pela “ordem estabelecida, silenciando desejos de transformação, esteve na base de muitos atos de perseguição de livros e autores, bem como de interdições de leituras”.

Diante do exposto, pode-se considerar que, somente nas décadas de 1980 e 1990, com as transformações na sociedade e o surgimento da era das tecnologias de informação, houve uma mudança significativa na concepção de leitor.

De acordo com Chartier (1998, p. 13) “a revolução do livro eletrônico é uma revolução nas estruturas do suporte material do escrito assim como nas maneiras de ler”. Com a possibilidade de armazenamento, as técnicas informatizadas permitem o acesso inovador aos materiais de leitura multimídia, que determinam a oferta de informação.

Na sociedade contemporânea, a importância da leitura difere dos tempos remotos, com propósitos de aquisição do conhecimento e de informações diversas, com vistas a diferenciados fins.

Com o desenvolvimento dos meios de comunicação de massa, como a televisão e o rádio, os quais transmitem informação e oferecem entretenimento, há o advento da internet, que permite uma rapidez ainda maior.

A leitura digital é mediada pela tela, não há o manuseio de páginas, a leitura não é linear, as imagens, os ícones, os *links*, etc. exigem outro tipo de conhecimento e de processamento da leitura. Ao contrário, nos textos impressos, a leitura é de cima para baixo, da esquerda para a direita e de uma página para a seguinte.

Isso soa contraditório, já que durante a vida escolar, o educando tem, quase sempre, contato apenas com textos impressos, por meio de apostilas, livros didáticos, paradidáticos, leituras sugeridas, leituras obrigatórias, porém, na vida social, tem contato com a leitura digital, em redes sociais e *sítes* de entretenimento. Chartier (1998) acrescenta que:

É preciso considerar também que a leitura é sempre uma prática encarnada em gestos, espaços, hábitos. Longe de uma

fenomenologia da leitura que apague todas as modalidades concretas do ato ler e o caracterize por seus efeitos, postulados como universais, uma história das maneiras de ler deve identificar as disposições específicas que distinguem as comunidades de leitores e as tradições de leitura. (CHARTIER, 1998, p. 118).

Entendemos que há variadas formas de leitura, numa prática de múltiplos produtos, meios e suportes. Isso em decorrência das épocas e também dos materiais fornecidos, resignificando o que se lê e como se lê, seja em voz alta para um público ou de modo silencioso, em um cômodo.

A revolução da leitura segue as inovações do texto eletrônico, com novas possibilidades. Segundo Chartier (1998, p. 100), “a representação eletrônica dos textos modifica totalmente a sua condição: ela substitui a materialidade do livro pela imaterialidade de textos sem lugar específico”. Porém, esse procedimento não implica o fim do livro impresso, pois cada leitura apresenta características próprias, de acordo com a escolha dos leitores e das experiências socioculturais.

1.3 Leitura na escola

A prática de leitura sempre interferiu e age na sociedade, com possíveis implicações na vida dos indivíduos, já que permite a ampliação da visão de mundo do leitor. Isso porque, ao efetuar a leitura há um diálogo com o autor, uma representação mental do mundo e a provável compreensão do texto e do contexto.

Aguiar e Bordini (1988, p. 09) enfatizam que “é por meio da linguagem que o homem se reconhece como ser humano, uma vez que, nela e por ela, pode se comunicar com outros homens e trocar experiências”.

Dessa forma, a leitura torna-se uma prática humanizadora, à medida que proporciona ao ser humano momentos para decifrar e interpretar o mundo à sua volta, na compreensão de saberes oriundos de diversas leituras, ademais, de ter a oportunidade de observar um texto de formas diferentes.

Sabemos que o ato de ler não envolve somente a sucessiva decodificação das palavras; antes, ele vai além dessa atitude, na medida em que o leitor compreende as correlações textuais, fazendo a ponte entre a leitura e a realidade, uma vez que a atividade leitora busca compreender o mundo de maneira contínua. Freire (1989) afirma:

A leitura de mundo precede a leitura da palavra, uma vez que a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas, por certa forma de “escrevê-lo” ou de “reescrevê-lo”, quer dizer, de transformá-lo por meio de nossa prática consciente. (FREIRE, 1989, p. 11)

A leitura, assim, torna-se um meio inovador para o desenvolvimento socioafetivo da criança. Também incentiva a imaginação e ajuda a formular ideias criativas, proporcionando a formação de cidadãos ativos e participativos, que tenham consciência de seus direitos e deveres no meio social.

Entretanto, existem problemas em relação à leitura, contemplados no dia a dia da escola, onde muitos alunos não apresentam o hábito de ler e fazem a leitura somente por obrigação.

Dados estatísticos comprovam tais dificuldades leitoras, pois, conforme o Jornal *A Bigorna* (2018), “a pesquisa *Retratos da Leitura* aponta que 44% da população brasileira não lê e 30% nunca comprou um livro”. Com base na pesquisa em tela, dentre os 67% da população, não houve uma pessoa sequer que tenha sido incentivada à leitura em sua trajetória de vida. Dos 33% restantes que receberam alguma influência, a mãe foi o responsável por essa influência, ou algum outro representante do sexo feminino, seguido pelo professor representado por uma taxa de 7%.

As principais motivações para ler um livro, entre os que se consideram leitores, estão gosto (25%), atualização cultural ou atualização (19%), distração (15%), motivos religiosos (11%), crescimento pessoal (10%), exigência escolar (7%), atualização profissional ou exigência do trabalho (7%), não sabe ou não respondeu (5%), outros (1%). Adolescentes entre 11 e 13 anos são os que mais leem por gosto (42%), seguidos por crianças de 5 a 10 anos (40%). (JORNAL A BIGORNA, 2018).

Diante desse contexto, urge repensar as práticas pedagógicas de leitura, conforme Geraldini (2006, p. 110): “é necessário resgatar na escola e trazer para dentro dela o que dela se exclui por princípio: o prazer de ler sem ter que apresentar ao professor e à escola o resultado desse prazer, que é a própria leitura”.

O ato de ler proporciona a interação com a obra e, nessa troca, o leitor confere significado ao texto à medida que compreende e interpreta o que está escrito, de acordo com sua vivência de mundo e os conhecimentos que possui.

Rildo Cosson, em *Letramento Literário: teoria e prática (2014)*, traz conceitos e promove reflexões sobre a teoria e a prática da leitura, a partir da seguinte inquirição: “se lemos as obras literárias fora da escola com prazer sem que nos sejam dadas instruções especiais, por que a escola precisa se ocupar de tal forma de leitura?” (COSSON, 2014, p. 26)

As instituições escolares tem o papel de estimular hábitos de leitura, como uma forma de obter conhecimentos, mas também uma maneira de sentir prazer com as práticas leitoras, sem cobranças e imposições cerceadoras da fruição.

De acordo com Silva (1986, p. 84-85), “um dos motivos para tal desinteresse pode estar na escolha realizada pelo professor, exigindo que todos da turma leiam o mesmo título, sem opção de escolha, geralmente clássicos da literatura”. Nesse sentido, Cosson (2014, p. 35) destaca que “as obras precisam ser diversificadas porque cada uma traz apenas um olhar, uma perspectiva, um modo de ver e de representar o mundo”.

O educador deve analisar, assim, as obras conforme o interesse da turma, faixa etária, nível de conhecimento prévio, para que haja motivação em conhecer a literatura apresentada. Cosson (2014) acrescenta:

A substituição dos critérios do cânone tradicional pela liberdade de escolher os mais diferentes textos também não é tranquila para o professor. Como aparentemente não há julgamento de valor ou, mais propriamente, o único valor é a diferença, as condições de escolarização da seleção de textos não conseguem se efetivar de modo adequado. [...] Todavia, a diversidade é fundamental quando se compreende que o leitor não nasce feito ou que o simples fato de saber ler não transforma o indivíduo em leitor maduro. (COSSON, 2009, p. 35).

É necessário, portanto, proporcionar leituras contemporâneas, que se aproximem da realidade dos educandos, a fim de incentivar-lhes a imaginação, os sentimentos e a identificação de si mesmos com tais obras, possibilitando um elo entre a realidade interior e o mundo externo.

Para Cosson (2009, p. 35), “é papel do professor partir daquilo que o aluno já conhece para aquilo que ele desconhece, a fim de se proporcionar o crescimento do leitor por meio da ampliação de seus horizontes de leitura”. A leitura permite o contato social, emocional e intelectual, com estímulos às competências necessárias

ao crescimento pessoal de cada educando, que sejam seres críticos e ativos, em busca da transformação social.

Para Lajolo, (1993, p. 59) “ler não é apenas decifrar o sentido de um texto, à semelhança de um jogo de adivinhações”. Porém, o ato de ler motiva a capacidade do leitor de atribuir-lhe significação e de travar relações desse texto lido com os outros textos significativos a ele. Depreende-se, portanto, que a prática de leitura está envolvida no âmbito social, e, com isso, o processo de ler cria sentidos e significações às atividades humanas, num universo cultural de um ser pensante e culto.

Coracini (2003, p. 19-20) traz duas “concepções clássicas de leitura: 1) leitura enquanto decodificação: descoberta do sentido; 2) leitura enquanto interação: construção do sentido”. A estudiosa explica que:

No primeiro caso, o leitor ou o observador são verdadeiros espectadores em busca do sentido que se encontra, de forma imanente, no texto ou na obra em apreciação. As palavras, assim como as cores, as formas, os sinais, os gestos, os signos enfim... carregariam um significado – aquele que a ele estaria inevitavelmente atrelado, independentemente de qualquer condição. (CORACINI, 2003, p. 20).

Na leitura enquanto decodificação configura-se apenas a objetividade, ou, ainda, aquilo que é óbvio e concreto, que resgata o significado direto das palavras, como estrutura da língua, desmembrando-se em unidades menores. Ademais desse procedimento decodificador, urge considerar os fatos envolvidos, pois, ler a palavra não é simplesmente decorar as letras e as sílabas, mas sim, organizar as informações, interpretar e extrair interpretações. Nesse ato, aciona-se o conhecimento de mundo para compreender o que está lendo, porque, segundo Cosson (2009, p. 27), “ler implica troca de sentidos não só entre o escritor e o leitor, mas também com a sociedade, pois os sentidos são resultado de compartilhamentos de visões do mundo entre os homens no tempo e espaço”.

Assim, na formação do aluno leitor é preciso desenvolver conhecimentos sistemáticos e progressivos de habilidades de leitura, como a compreensão, a interpretação, a inferência e avaliação. Cabe ao professor, ainda, incentivar a leitura como uma forma de prazer, mas, com responsabilidades, promovendo o convívio do leitor com gêneros diferentes, que possibilitem a reflexão e a construção de novos conceitos.

Durante a leitura, ao leitor deve-se oportunizar a correlação de seus saberes com o universo ficcional, de modo que suas experiências de vida sejam substrato para as ocorrências do texto escrito e/ou imagético, enfim, para as histórias lidas. Essa ativação do conhecimento prévio, conforme Kleiman (1997, p. 25), “é essencial à compreensão, pois é o conhecimento que o leitor tem sobre o assunto que lhe permite fazer inferências necessárias para relacionar diferentes partes discretas do texto num todo coerente”.

Por meio do conhecimento prévio, os leitores conseguem construir os significados textuais, pois, como bem ressaltam Bordini e Aguiar (1989, p. 13), “uma das necessidades fundamentais do homem é dar sentido ao mundo e a si mesmo e o livro, seja informativo ou ficcional, permanece como veículo primordial para esse diálogo”.

Reitera-se que a leitura não é mera decodificação de letras e sílabas, as informações trazidas pelo ato de ler devem contribuir para a formação do aluno leitor e conduzi-lo ao que está implícito nas entrelinhas do texto. Ele deverá preencher as possíveis lacunas textuais, conferindo-lhes significados acrescidos de outros sentidos, num processo contínuo e inovador de aquisição do saber.

Cosson (2009, p.27) afirma que “o bom leitor, portanto é aquele que agencia com os textos os sentidos do mundo, compreendendo que a leitura é um concerto de muitas vozes e nunca um monólogo”.

Visando à efetivação de uma boa leitura em sala de aula e ao estímulo do ato de ler, o docente deverá trazer aos alunos obras diversificadas, de vários gêneros, que se aproximem da realidade dos leitores e, ao mesmo tempo, ampliem seus conhecimentos, com informações significativas e motivadoras de boas ações.

1.4 Estratégias de leitura

Em busca de um melhor ensino de leitura nas escolas, os professores almejam alternativas em prol do desenvolvimento do educando, pois com as constantes transformações na sociedade, como o avanço tecnológico e a propagação de informações com máxima rapidez, a escola precisa inovar para mediar a aquisição dos conhecimentos.

Os alunos trazem marcas culturais para a sala de aula, pois, desde o seu nascimento encontram-se em contato com vários discursos e materiais escritos, ilustrados, e, naturalmente, tentam compreender e interpretar o que está diante dos seus olhos.

Para entender o mundo e o que está ao seu redor, cada um utiliza a sua melhor estratégia, aquela que se adapta ao seu estilo de aprendizagem. Quanto a isso, Solé afirma que:

Quando o leitor se situa perante o texto, os elementos que o compõem geram nele expectativas em diferentes níveis (o das letras, das palavras) de maneira que a informação que se processa em cada um deles funciona como *input* para o nível seguinte, assim, através de um processo ascendente, a informação se propaga para níveis mais elevados. Mas simultaneamente, visto que o texto também gera expectativas em nível semântico, tais expectativas guiam a leitura e buscam a sua verificação em indicadores de nível inferior (léxico, sintático, grafo-tônico), através de um processo descendente. (SOLÉ, 1998, p.24).

O leitor, ao utilizar seu conhecimento de mundo, consegue interpretar o texto, trazendo-o a sua realidade e comparando com experiências anteriores, desse modo, consegue reconhecer as mensagens explícitas e, até mesmo, efetuar uma compreensão mais profunda do que está implícito, por isso, faz-se necessário o trabalho com estratégias de leitura, como destaca Menegassi (2010):

O trabalho com estratégias de leitura no Ensino Fundamental é extremamente relevante para a formação de um leitor competente, que consiga ler qualquer texto da sociedade, compreendê-lo e fazer uso de seus conhecimentos para conseguir transitar pelo corpo social em que convive. (MENEGASSI, 2010, p. 41).

A leitura na escola deve ir além do mero entretenimento e apresentar, nitidamente, os objetivos a serem alcançados, promovendo uma aprendizagem significativa que possa favorecer a formação de cidadãos críticos. O ato de ler deve levar o leitor a compreender variados textos (SOLÉ, 1998), a partir dos quais, o professor, como mediador de leitura, emprega estratégias para que o aluno possa aprender a ser mais autônomo e crítico.

As estratégias vistas como procedimentos de ensino necessitam ser desenvolvidas com os educandos, para que os conteúdos possam ser repassados de maneira mais significativa e até mesmo mais prazerosa. (MENEGASSI, 2010)

O ensino de estratégias leva ao desenvolvimento de sujeitos-leitores autônomos, capazes de agir em situações diversas de recepção da linguagem.

Para Menegassi (2010), a leitura é vista como um processo que compreende várias etapas, as quais serão explanadas a seguir. A leitura contempla o processo de decodificação, compreensão, interpretação e retenção. Na primeira etapa há o reconhecimento dos símbolos, que se configuram como junção de sílabas, esse é o primeiro passo para iniciar o processo da atividade leitora. Na segunda etapa reconhecem-se os tópicos principais, o leitor capta o significado das palavras. Ela contempla três fases: 1) leitura superficial, sem inferências; 2) inferências, leitura de informações implícitas, 3) expansão da leitura, ou seja, imbricação dos conteúdos que o texto emite aos conhecimentos trazidos pelo leitor. Na terceira etapa de interpretação, o aluno deverá interpretar o que lê com capacidade crítica, lembrando que cada leitor faz interpretações diferentes, levando a várias possibilidades de leitura. A quarta etapa, que consiste na retenção, é quando ocorre o armazenamento das informações mais importantes na memória, em longo prazo; ela pode ser realizada a partir da compreensão. (MENEGASSI, 2010).

Dessa forma, entendemos que as estratégias de leitura favorecem o entendimento do texto lido como uma forma de aquisição de conhecimentos de maneira significativa, a fim de que o educando possa se tornar um leitor crítico.

Conforme Menegassi (2010, p. 43), “são quatro as estratégias fundamentais para realizar a compreensão a serem desenvolvidas nos alunos, para o trabalho com diversos textos: seleção, antecipação, inferência, verificação”.

Na etapa da seleção, as ações permitem ao leitor observar aquilo que lhe é útil à compreensão textual e ao seu interesse para aquela leitura. Posteriormente, na antecipação, o leitor vai criando hipóteses e previsões sobre o texto que está realizando a leitura e, assim, pode antecipar o conteúdo conforme seus conhecimentos prévios. Na sequência, há a inferência, quando o leitor consegue construir uma nova informação que foi captada do texto. Na etapa da verificação ocorre a confirmação ou não das antecipações e das inferências realizadas,

possibilitando ao leitor a escolha da estratégia mais adequada. (MENEGASSI, 2010).

Assim, cada aluno-leitor, ao utilizar as estratégias de leitura, tem a oportunidade de desenvolver sua própria maneira de ler, seguindo seu estilo próprio e utilizando os conhecimentos de senso comum, adquiridos na vivência do dia a dia, para encontrar sentidos e significados do texto.

A prática leitora divide-se em antes, durante e depois da leitura. Antes da leitura os docentes, mediadores do ato de ler, devem trabalhar a motivação para a tarefa, ainda, a explicitação dos objetivos da leitura e a ativação dos conhecimentos prévios do aluno. Além disso, nesta etapa o aluno-leitor realiza previsões sobre o texto. Durante a leitura, também há a formulação de hipóteses e perguntas, o esclarecimento de dúvidas, o relacionamento da nova informação ao conhecimento prévio armazenado. (MENEGASSI, 2010).

Menegassi (2010, p. 58) ressalta que em “todo o processo envolvido durante a leitura do texto, o professor se põe como mediador, servindo como modelo de ensino no processo de leitura aos alunos, a partir da exposição de como é o seu próprio processo”. É fundamental o papel do professor para intermediar as atividades de leitura, por meio das quais o aluno-leitor poderá seguir os passos indicados e criar sua própria maneira de ler, a partir de estratégias leitoras.

Depois da leitura é importante realizar a identificação das ideias principais do texto, o que confirma a compreensão do leitor. Nesse momento, o aluno pode sublinhar partes do texto que considera importantes, grifar palavras repetidas, fazer anotações e comentários ao lado, entre outros procedimentos. (MENEGASSI, 2010).

Para Menegassi, (2010, p. 60), em “todas as estratégias comentadas, necessariamente o professor propõe e conduz o ensino, servindo como modelo de leitor competente, para que seus alunos possam ter uma referência determinante em leitura”.

Com isso, as estratégias de leitura podem auxiliar na formação de alunos leitores competentes, que saibam agir com criticidade na sociedade onde estão inseridos, com vistas a transformações sociais.

SEÇÃO 2

HISTÓRICO DOS QUADRINHOS

2.1 Trajetória histórica dos quadrinhos

Desde a antiguidade, com as pinturas rupestres, os homens grafavam em cavernas imagens para expressar sentimentos, contar histórias, ilustrar situações rotineiras, à semelhança da busca de alimentos, abrigos, crenças, enfim, meios de sobrevivência.

Conforme Gombrich (1999, p. 40), “as pinturas rupestres se destacam no sentido de reproduzir a intenção de movimento, como os bisões, renas e mamutes com mais de quatro patas pintados em cavernas espanholas e francesas 30 mil anos atrás”. Tais ilustrações já revelavam a necessidade inerente ao ser humano de registrar fatos e sensações experimentadas. Essas ocorrências podem ser consideradas um dos princípios originários da nona arte, ou seja, a história em quadrinhos, como uma maneira de expressar os fatos acontecidos no cotidiano.

A Arte Rupestre, representada na figura 7, concebida como um registro físico, simbólico e ritualístico dos povos da antiguidade que viveram há milhares de anos, permite conhecer e compreender as ideias, cultura e concepção de vida por meio dos desenhos realizados. (AGUIAR, 2012)

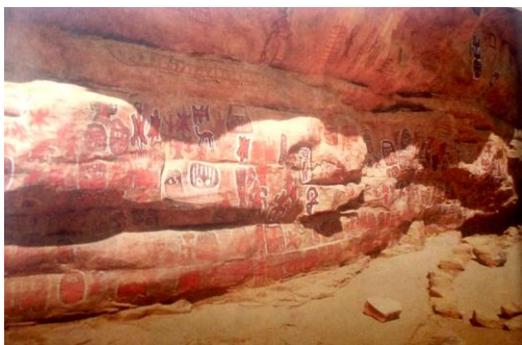


Figura 7: Arte Rupestre

Fonte: IANNONE; IANNONE, 1994, p. 10.

Os primeiros registros pictográficos do homem primitivo, considerados arte rupestre, apontam para as representações simbólicas nas rochas e para o modo como transmitiam os costumes e as experiências daqueles povos, os quais utilizavam de extratos retirados das plantas, minerais e, até mesmo, sangue de animais para registrarem suas atividades e sensações.

Gaiarsa (1977, p. 115) destaca que “os desenhos famosos das cavernas pré-históricas – tidos como a primeira história em quadrinhos que já se fez – eram um ensaio para controlar, imagetivamente, o mundo e, em particular, a caça”.

Os traçados dos homens primitivos demonstram sua capacidade criadora, por meio de imagens, na representação de seu modo de vida, numa sequência de desenhos, que permitiram aos antropólogos conhecer os elementos culturais da época. Isso porque, representavam o dia a dia do homem primitivo e traziam ilustrações sobre alimentação, momentos em grupo, conquistas na caça ou outros fatos importantes. (IANNONE; IANNONE, 1994).

No período pré-histórico, o hábito de registrar as ações do cotidiano por meio do desenho, provavelmente colaborou com o desenvolvimento da fala e da escrita, uma vez que já pontuava a necessidade de comunicação.

Na era egípcia, segundo considerações da Encyclopédia Britânica, *O mundo da Arte* (1979, p. 136), “um dos muitos motivos, brilhantemente executado em pedra calcária pintada, é o relevo do Túmulo de Ti, em Saqqara, aproximadamente entre 2.480 e 2.350 a.C., cujas ilustrações expressam episódios da vida cotidiana”.

Os desenhos egípcios, representados na figura 8, também exemplificam a inerência humana de manifestação de seus atos e, por isso, ganham destaque na decoração dos templos e tumbas como modo de valorização de deuses e faraós, por meio de imagens que remetem a uma narrativa sequencial. Ademais, há representações pictóricas das caçadas, oferendas, época de colheitas e atividades domésticas. Esses são chamados de hieróglifos egípcios e reconhecidos como a primeira escrita e a segunda história em quadrinhos acessível à humanidade. (GAIARSA, 1977).

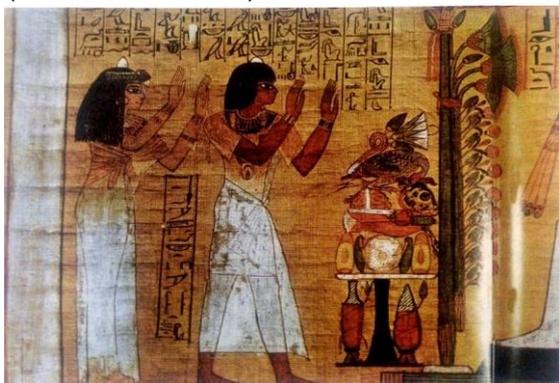


Figura 8: Desenhos egípcios

Fonte: IANNONE, 1994, p. 11.

A sua maneira, os povos utilizam características peculiares a fim de se expressarem e a arte evolui perpassando momentos históricos da raça humana (IANNONE, 1994). No Egito dos faraós, na Grécia, em Roma, no Oriente, durante o período medieval e, ainda hoje, o ser humano continua valendo-se de desenhos e da pintura, como formas criativas, para manifestarem estados de ânimo e ações corriqueiras.

Em Roma, as cidades de Pompeia e Herculano, conforme figura 9, foram totalmente cobertas pelas lavas vertidas pelo vulcão Vesúvio. Essa calamidade, ocorrida no ano 79, felizmente, não sucumbiu a história da civilização da época. Por volta do século XVIII, com a remoção dos escombros, foi possível vislumbrar tesouros nunca antes imaginados, como os afrescos, que decoravam as paredes com belas imagens. (IANNONE; IANNONE, 1994).

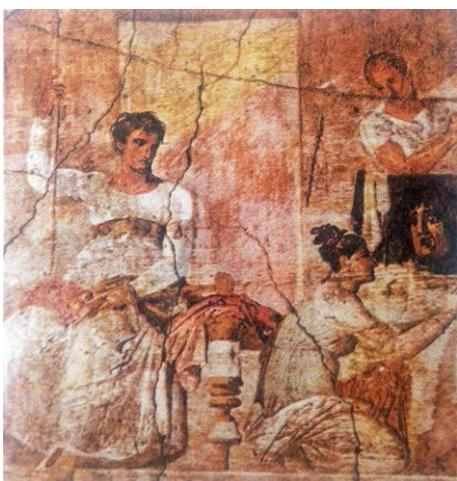


Figura 9: Imagens nas paredes das cidades de Pompeia e Herculano

Fonte: IANNONE; IANNONE, 1994, p. 12.

Na Idade Média, uma das principais obras é a tapeçaria de Bayeux, com cerca de 70 metros de comprimento, que retrata a conquista da Inglaterra por Guilherme da Normandia. Nela, as imagens estão dispostas da esquerda para direita, numa ordem cronológica, contendo legendas que detalham as cenas.

As manifestações artísticas, especialmente, os traços da Tapeçaria de Bayeux, exemplificam obras que sobreviveram da arte sequencial, constituindo um dos documentos imagéticos mais conhecidos da Era Medieval. Os desenhos demonstram fatos da realidade ao encenarem a guerra no século XI, mostrarem as

roupas utilizadas na época, os armamentos, a alimentação, entre outros. (COSTA, 2009).

A propósito, na Idade Média os livros eram transcritos, unicamente, nos mosteiros, pelos monges copistas, os quais se dedicavam à reprodução de vários manuscritos (IANONNE; IANONNE, 1994). Com isso, nota-se que a educação restringia-se aos religiosos e aos nobres (estes homens).



Figura 10: Monge copista

Fonte: IANNONE; IANNONE, 1994, p. 13.

Diante desse contexto, concordamos com Luyten (1985, p. 11), em que “as histórias em quadrinhos são formadas por dois códigos de signos gráficos: a imagem e a linguagem escrita” configurando uma sequência narrativa contínua.

No período medieval, as narrações realizadas em tapeçarias ou hieróglifos, utilizavam a arte sequencial como uma forma de fazer registros de eventos importantes e transmitir fatos religiosos a um público com educação informal, já que as imagens colaboravam com o entendimento das informações que eram expostas. (EISNER, 1989).

No período anterior à criação da prensa, documentos e livros eram elaborados à mão. Iannone; Iannone (1994, p. 12), argumentam que “representavam verdadeiras obras de arte, pois eram feitos com muito capricho, em rebuscadas letras do ripo gótico, ou seja, em uma escrita angulosa e interrompida, com traços ora grossos, ora estreitos”. Estudos históricos desse período revelam que somente

Após a invenção da prensa por Gutenberg (século XV) foi que a difusão da imagem impressa começou a invadir o mundo. O texto escrito pôde ser finalmente difundido para as massas. Na área do desenho, começou com a impressão das charges criticando a

monarquia e sua pomposidade diante da pobreza de seus súditos. Os desenhos eram impressos e distribuídos pelas praças como uma forma de resistência aos desmandos do poder. (LOVETRO, 2011, p. 11).

Percebemos, assim, que a invenção da prensa trouxe avanço na modernidade e promoveu maior aceleração na produção das artes escritas e nas obras de arte com imagens, pois houve redução de tempo e custo. Isso porque, na elaboração manual o tempo gasto era enorme, porém, com a invenção e o uso da prensa, ampliou-se consideravelmente o processo artístico, tornando a palavra escrita e desenhada mais acessível.

No século XVI, o desenvolvimento da xilogravura, figura 11, a ilustração de livros tornou-se um elemento fundamental no exercício com a imagem e o texto, pois muitos artistas conseguiram desenvolver seus trabalhos utilizando esses meios.



Figura 11: Xilogravura

Fonte: IANNONE; IANNOME, 1994, p. 18.

Em meados do século XIX, os desenhistas tiveram a iniciativa de esboçar as primeiras histórias que traziam características marcantes dos quadrinhos (LOVETRO, 2011). Dessa forma, Rudolphe Töpffer conseguiu notoriedade em suas histórias e foi apontado como “pai dos quadrinhos modernos”. (MCCLLOUD, 2005, p. 17). Goida (1990) referenda as considerações de Mccloud, acrescentando:

Töpffer pretendia ser pintor como seu pai, mas se considerava sem talento, passando a lecionar artes em Genebra e, mais tarde, escrevendo histórias. Com o tempo, passou também a ilustrá-las. Estas histórias eram em grande parte figurativas, mas algumas cenas apresentavam breves textos. Com o tempo e o sucesso, o

texto foi cedendo cada vez mais espaço às imagens. Essas histórias foram reunidas num álbum em 1847, intitulado *Stories in Etchings* ou *Histoires em Estampes* no francês, que se pode traduzir como “Histórias em Estampas”. (GOIDA, 1990, p. 349)

Em 1840, com o desenvolvimento das HQ, formaram-se vários desenhistas e, com eles, os *syndicates*. Estes visavam à manutenção da produção dos quadrinhos, as quais seriam publicadas em jornais norte-americanos, ainda sem estrutura para produzirem suas próprias matérias. (IANNOME; IANNOME, 1994).

Após algumas décadas, em 1865, surge outra obra, que seria precursora dos quadrinhos modernos, segundo Lovetro (2011, p.11), “publicado pelo escritor alemão Wilhelm Busch. O livro, intitulado *Max und Moritz*, apresentava as peripécias de dois garotos travessos”.

Contudo, nos termos de Iannone; Iannone (1994, p. 29), “Georges Colom, professor da Universidade de Sorbonne, em Paris, é apontado por muitos como o verdadeiro criador da fórmula que originou as histórias em quadrinhos”. A obra mais conhecida de Colom é *La Famille Fenouilliard*, figura 12, publicada em 1889, com a divisão de quadros e textos curtos, conforme transcrição a seguir:

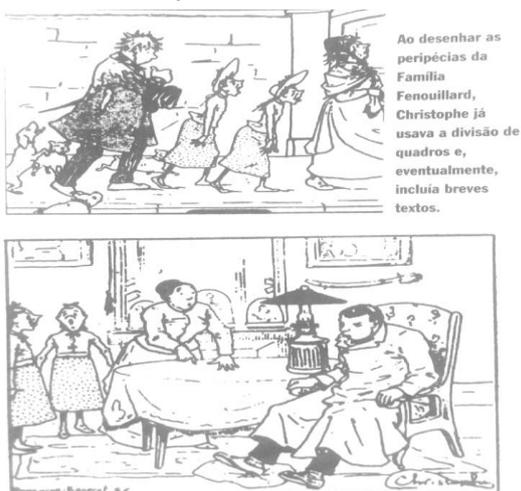


Figura 12: La Famille Fenouilliard

Fonte: IANNOME; IANNOME, 1994, p. 29.

A partir de 1875, algumas revistas de cunho humorístico destacaram-se e viabilizaram a profissão de cartunista, entre elas: *Le Charivari* - Paris, *Punch* - Londres e a alemã *Puck*, nos Estados Unidos – versão *Puck*; *Judge* - 1881 e *Life* - 1883. (IANNOME; IANNOME, 1994).

Interessante notar as motivações sociais e históricas que desencadearam a produção e publicação dos quadrinhos pioneiros nos Estados Unidos:

Na última década do século XIX, Joseph Pulitzer e William Randolph Hearst, os mais poderosos proprietários de cadeias de jornais nos Estados Unidos, brigavam pela conquista de um público maior. Para atraírem uma massa semi alfabetizada e também os imigrantes, que tinham dificuldades com o inglês, criaram os suplementos dominicais. A grande parte do material destes “sundays” era formada por narrativas figuradas, bem ao estilo europeu. (GOIDA, 1990, p. 09).

Nesse mesmo contexto, por volta de 1895, o jornal *New Yourk World*, no Suplemento Dominical, começou a publicar *Down Hogan’s Alley*, histórias humorísticas desenhadas por Richard Outcault.

O cartunista Outcault trouxe a inovação de introduzir diálogos próximos aos personagens, proporcionando melhor comunicação e atuação na história. O desenhista criou Alley, um menino com fisionomia oriental pelos olhos serem pequenos e oblíquos, com dentes afastados e orelhas de abano, travestido de um camisolão no qual eram escritas as falas do personagem. (IANNOME; IANNOME, 1994).



Figura 13: Garoto amarelo

Fonte: IANNONE; IANNONE, 1994, p. 32.

Lovetro (2011, p. 13), afirma que “alguns historiadores americanos logo aclamaram que aí estaria o nascimento das histórias em quadrinhos. Isso por ser a primeira vez que o texto entrou dentro dos quadrinhos”. Tal procedimento ocorreu de modo progressivo, conforme se deu com o personagem do menino asiático que, aos

poucos, ganhou voz no texto, expressa em frases escritas no camisolão, as quais, de início, eram em preto e branco, pois não havia impressão em cores.

Nesse sentido, somente em 1896, o personagem aparece com um camisolão amarelo, recebendo o nome de *The Yellow Kid* - O garoto Amarelo. (IANNONE, 1994). Com isso, a obra traz inovações e aumenta o interesse da população, como destaca Patati; Braga (2006):

[...] Richard Felton Outcault pela primeira vez fez convergir o interesse dos leitores sobre Yellow Kid, fazendo sua fala aparecer escrita e assumida na primeira pessoa do singular, no seu camisolão amarelo, em vez de aparecer na legenda como as falas dos outros personagens, em discurso indireto. Daí em diante, Yellow Kid “tomou o poder” na série, integrando falas aos desenhos (PATATI; BRAGA, 2006, p. 15).

Posteriormente, temos a presença de Rudolph Dirks que, com uma nova forma de expressão gráfica, inovou a estrutura dos quadrinhos. A princípio, a novidade não agradou ao público, mas, com a perseverança do cartunista, alcançou a consagração, com os personagens Hans e Fritz, representado na figura 14. (IANNOME; IANNOME, 1994).



Figura 14: Personagens Hans e Fritz

Fonte: IANNONE; IANNONE, 1994, p. 34.

Em 1899, surge a figura de Frederick Opper, com o lançamento de um personagem mendigo cuja fisionomia é tristonha. Ele usa um chapéu feito com uma lata vazia de conserva, sendo ridicularizado por todos que estão a sua volta. Após Opper, o mundo *comics* foi privilegiado com novos cartunistas, os quais se valeram da mesma forma de fazer quadrinhos. (IANNOME; IANNOME, 1994).

Em “1905 Winsor McCay, outro célebre desenhista, lançou *Little Nemo in Slumberland (O pequeno Nemo no país do sonho)*. Nesta série, McCay produziu uma verdadeira obra-prima dos quadrinhos. Todas as noites, em sonhos, Nemo viajava pelo mundo da fantasia; e todas as manhãs, ao acordar (caindo da cama), despertava para a realidade, geralmente escapando de algum perigo de suas viagens noturnas. (IANNONE,1994, p. 38).

Diante desse contexto, percebemos que McCay, pelo fato de ter participado do cinema de animação e da arte circense, com *As aventuras de Gertie*, tinha a intenção de conferir mobilidade aos personagens, pois nas acepções de Patati e Braga não importava simplesmente desenhar bem os personagens, mas, também, indicar ações e movimentos, com isso, era necessário utilizar cenários diferentes para o desenvolvimento das aventuras. Segundo eles, esse foi o “início de uma enorme sofisticação visual das HQs. Embora convivendo harmonicamente com diversos exemplos mais crus, o fato é que florescia a qualidade”. (PATATI; BRAGA, 2006, p. 26).

Na linhagem dos primeiros e relevantes cartunistas, há George McManus, cujo início se deu com a peça teatral intitulada “A geração em ascensão”. Em 1913, lança uma série de nome “Educando papai”, na qual o personagem Pafúncio, na figura 15, ganha na loteria e abandona a profissão de pedreiro. (IANNOME; IANNOME, 1994).

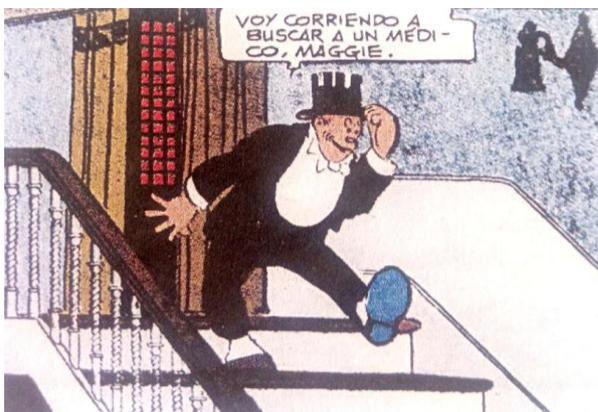


Figura 15: Personagem Pafúncio

Fonte: IANNONE; IANNONE, 1994, p. 39.

Em 1921, surge Gato Felix, conforme figura 16, sucesso estrondoso dos quadrinhos, pois foi “personagem de um desenho animado de Pat Sullivan, havia se transformado em herói de comics”. (IANNONE; IANNONE,1994, p. 41).



Figura 16: Gato Felix

Fonte: IANNONE; IANNONE, 1994, p. 40.

Em 1924, Harold Gray cria a personagem Ana, uma pequena órfã, cujas histórias seguem a ideologia do sistema capitalista, o incentivo à prosperidade, ao crescimento econômico e aos valores políticos. No mesmo ano, Roy Crane destaca-se com a série Wash Tubbs, dando impulso à utilização de ficção científica nas HQ. (IANNONE; IANNONE, 1994).

Em 1931 é a vez de Walt Disney projetar-se, pois, ao seguir a mesma estrutura dos demais cartunistas em tela, inova com o lançamento de *Mickey Mouse* nos quadrinhos e, na sequência, as histórias do *Pato Donald*. Outros nomes de cartunistas importantes são lembrados, como o do italiano Sérgio Toffano, criador do personagem *Bonaventura*, uma espécie de *Carlitos* dos quadrinhos; a inglesa Mary Tourtel, criadora do ursinho *Rupert* e, por fim, o Francês Alain Saint-Ogan, autor de *Zig e Puce*. (IANNOME; IANNOME, 1994).

Os quadrinhos iniciaram-se nos tabloides de jornais, no espaço do Suplemento Dominical, os quais, de forma gradativa, migraram para o formato tira. Com um personagem obcecado por corridas de cavalos, representado na figura 17 - A. *Piker Clerk* - Clare Briggs tornou-se o pioneiro em tira diária. (IANNOME; IANNOME, 1994).



Figura 17: Piker Clerk

Fonte: IANNONE; IANNONE, 1994, p. 43.

Em 1907, Ham Fisher lança a história de Mr. A. Mutt, e essa nova história foi escrita para o *Chronicle*, de São Francisco. *Mutt*, também um fã das corridas de cavalos, por isso, apresentava semelhanças incríveis com A. Piker Clerk. Conforme Iannone; Iannone (1994, p. 43) “no ano seguinte, Fisher criou o companheiro de Mutt: o baixinho trapalhão Jeff; eles se tornaram, em pouco tempo, a dupla de maior sucesso nos Estados Unidos, dando início à chamada era da *daily strip*”.

Esse percurso histórico revela que as HQ ganharam espaço nos periódicos e revistas, gradativamente, com produções bem sucedidas de diversos cartunistas, responsáveis por “darem vidas” a seus personagens. Durante os anos 1920, 1930 e 1940, a nona arte alcançou sucesso mundial, especialmente, com o surgimento dos suplementos infantis, nos quais havia personagens humorísticos e de aventura. A era de ouro dos quadrinhos deu-se com Buck Rogers e Tarzan. (LOVETRO, 2011).

A partir de 1930, com o advento do cinema, houve influência dos recursos fílmicos nas histórias em quadrinhos. O desenho Terry e os piratas foi o pioneiro em consagrar a utilização de estratégias cinematográficas nos quadrinhos. (IANNOME; IANNOME, 1994)

Com a Segunda Guerra Mundial houve mudanças drásticas e as histórias americanas foram proibidas na Itália, na França e em outros países. O resultado dessa coibição “provocou estagnação de produção, falta de materiais para o trabalho dos desenhistas. Com exceção das *Aventuras de Tintin*, do belga Hergé, pouco surgiu que fosse digno de nota”. (IANNONE; IANNONE, 1994, p. 46).

O momento de renovação das HQ foi marcado por Walt Kelly, em 1949, com a criação do personagem Pogo, retomando a fantasia e o lírico vigentes nas produções anteriores.

Com a série *Peanuts* e os personagens Charlie Brown, Lucy e Xereta, criados por Carles Schultz, abordam-se questões sociais, morais e políticas. Posteriormente, com um estilo mais heroico, contudo, sem superpoderes, surge o renomável personagem *Spirit*, criado pelo autor Will Eisner, cuja história retrata um detetive mascarado, que protege a população da cidade fictícia de Central City. (IANNONE; IANNONE, 1994).

Eisner obteve destaque pela inovação dos enquadramentos, baseados nos efeitos cinematográficos de luz e sombra, bem como nas novas técnicas narrativas com balões e, especialmente, pela qualidade da arte sequencial, destacando-se principalmente pelo personagem Spirit, representado na figura 18..



Figura 18: Personagem Spirit

Fonte: IANNONE; IANNONE, 1994, p. 47.

Eisner, além de renovar a estética das HQ, modificou o conceito, por meio da sua marca pessoal desenvolvida nos trabalhos, incorrendo na melhoria da qualidade e na originalidade na forma de arte e dos roteiros. Conforme Patati; Braga (2006):

Ao contrário do clichê que diz que quanto mais burra e “neutra” uma publicação, mais leitores ela encontra, o conhecido “nivelar por baixo”, Eisner, na sua “Spirit session”, continuamente se expressou de modo ousado, embora sempre claro e compreensível, e nem por isso menos profundo e comprometido com seus conteúdos. Não estava nem um pouco disposto a realizar uma publicação que não satisfizesse seu leitor mais exigente: ele mesmo. Naturalmente, cabe destacar que o personagem e o autor eram leitores de jornal e não se centravam só em seus interesses pessoais, mas naqueles em que percebiam, por sua singularidade, seu alcance intenso e profundo. (PATATI; BRAGA, 2006, p. 89).

O contexto histórico traçado demonstra que a Arte Sequencial é utilizada como uma maneira eficaz de expressão artística e criativa, na produção de imagens que contam uma história seguindo fatos consecutivos. Desse modo, o leitor tem a possibilidade de conferir movimento a essas imagens, seja no formato de tiras de jornais ou revistas em quadrinhos. As várias criações aqui elencadas revelam, sobretudo, formas de comunicação que unem a escrita e a imagem e, por isso mesmo, permitem a aproximação do leitor com o enredo proposto e, conseqüentemente, maior empatia na compreensão leitora.

2.2 Os quadrinhos no Brasil

No Brasil, um dos primeiros a produzir quadrinhos foi o ítalo-brasileiro Ângelo Agostini que, em 1867, já publicava algumas histórias ilustradas. Segundo Waldomiro Vergueiro (2005, p. 1), o Brasil contribuiu decisivamente para o estabelecimento da linguagem quadrinizada: “Na segunda metade do século 19, o ítalo brasileiro Ângelo Agostini desenvolveu uma intensa atividade de crítica social por meio do humor gráfico nos jornais ‘*Diabo Coxo*’ e ‘*O Cabrião*’”.

Segundo Júnior (2004, p. 48), o Brasil “não tinha tradição de publicar histórias em quadrinhos até a viagem de Adolfo Aizen (editor da EBAL) aos Estados Unidos em 1933”, mas vale ressaltar que o Brasil é, por excelência, pioneiro na narrativa gráfica, com o trabalho do ítalo – brasileiro Ângelo Agostini.

Em 1934 foi lançado, no Rio de Janeiro, o Suplemento Juvenil, representado na figura 19, que fazia parte do jornal *A Nação*, publicado pelo editor Adolfo Aizen, que costuma ser apontado “como o principal incentivador dos quadrinhos em nosso país”. (IANNONE; IANNONE, 1994, p. 49).

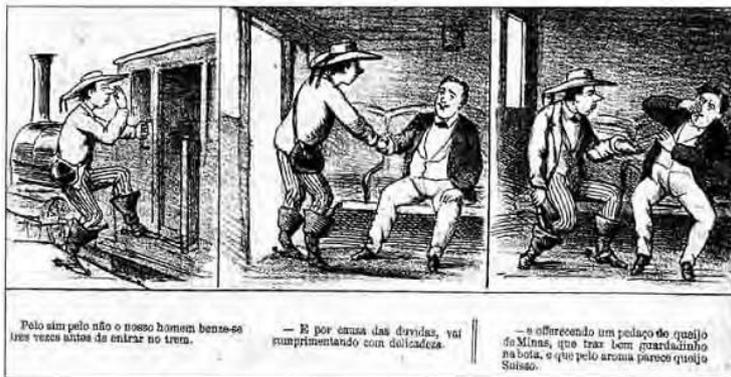


Figura 19: Suplemento Juvenil

Fonte: JÚNIOR, 2004, p. 48.

O cartunista Agostini criou as Aventuras de Nhô Quim, um caipira que se muda para a capital. Com isso, o cartunista conseguiu captar e denunciar, de maneira extraordinária, o espírito elitista que a nação havia adotado na época, para tanto, utiliza enquadramentos fixos e apresenta os personagens sempre de corpo inteiro. Patati e Braga (2006) esclarecem que:

Agostini é considerado o precursor das HQs brasileiras como também das charges políticas. A maior premiação dos quadrinhos brasileiros leva seu nome, bem como o dia do aniversário de sua primeira publicação, 30 de janeiro, é considerado como o dia nacional dos quadrinhos. (PATATI E BRAGA, 2006, p. 13).

Em 1905, Ângelo Agostini, também lança a revista *O tico-tico*, que ficou em circulação por cerca de 50 anos. Foi considerada uma revista completa, que trazia histórias em quadrinhos inteiras e, ainda, passatempos e textos diversificados destinados ao público infantil. (JÚNIOR, 2004).



Figura 20: Tico Tico

Fonte: JÚNIOR, 2004, p. 25.

O lançamento, por Adolfo Aizen, do Suplemento Juvenil, representadas na figura 21, na década de 1930, permitiu o surgimento de muitos heróis como *Flash*, *Tarzan* e *Mandrake*. Em meados dos anos quarenta, com as *Edições Maravilhosas* e suas obras literárias quadrinizadas, houve uma grande inovação no universo dos quadrinhos, com a oportunidade de aproximar o clássico do leitor.



Figura 21: Suplemento Juvenil

Fonte: JÚNIOR, 2004, p. 51

A *Revista Suplemento Infantil* trouxe uma forma inovadora aos quadrinhos. De modo extraordinário, arriscava-se e desenvolviam-se ideias novas e arranjos incríveis, o que motivou o acesso de muitos leitores.

Após duas décadas do surgimento do *Suplemento Infantil*, os quadrinhos alcançaram grande sucesso com o público em geral. Adolfo Aizen e Roberto Marinho destacaram-se como grandes cartunistas e suas revistas circularam nas principais capitais do Brasil. (JÚNIOR, 2004).

As revistas do *Suplemento Infantil* trouxeram um crescimento significativo aos quadrinhos e, dessa forma, tornaram-se bastante conhecidos e foram consolidados como a nona arte do povo brasileiro.

O marco divisor das HQ brasileiras deu-se em 1960, com a obra de Ziraldo, especificamente, o personagem Pererê, figura 22. O grau de excelência dos quadrinhos se nota nas palavras de Cirne (1970, p.91): "filiava-se à atividade intelectual que engendrou (e/ou desenvolveu) a bossa nova, a poesia concreta, o cinema novo, os 'centros populares de cultura', com todas as contradições do processo histórico daquele momento preciso".



Figura 22: Personagem Pererê

Fonte: JÚNIOR, 2004, p. 318.

Maurício de Souza, entretanto, foi quem mais conseguiu reconhecimento e fama com suas criações. Considerado um dos cartunistas brasileiros com mais

renome e sucesso internacional no âmbito das HQ, criou personagens como: Mônica, Cebolinha, Bidu, Chico Bento e Horácio. (IANNONE; IANNONE, 1994)

A propósito da Turma da Mônica, criada por Souza, Júnior (2004, p. 327), acrescenta que “críticos de quadrinhos e intelectuais a saudaram como um exemplo sadio de brasilidade e de vida inteligente nos quadrinhos, que deveria ser copiado por todos os editores”.

Em 1951, ocorre a Primeira Exposição Internacional de História em Quadrinhos, realizada pelos cartunistas Reinaldo de Oliveira, Jayme Cortez, Silas Roberg, Miguel Penteado e Álvaro de Moya, aumenta, a partir dela, o interesse do público leitor pelos quadrinhos no Brasil.

Dentre os artistas citados, Álvaro de Moya recebeu grande destaque, consagrando-se como autor de diversos livros sobre HQ e produção no âmbito jornalístico. Os demais, preferiram atuar na área de criação de HQ e de produção editorial. (LUYTEN, 1985).

Em 1970, organizou-se a participação do Brasil no Congresso Internacional de Lucca, com o intuito de criar novas oportunidades de produção brasileira e fundar a Associação Paulista de Desenhistas. (LUYTEN, 1985). Nesse sentido, Júnior aponta:

Outra iniciativa, com sucesso efêmero, foi a Editora Outubro, que contou com artistas do porte de Nico Rosso, Sérgio Lima, Aylton Thomaz, Juarez Odilon, Júlio Shimamoto, Lírio Aragão, Flávio Colin, Getúlio Delphim, Gutemberg Monteiro, Gedeone Malagola, Jorge Scudelari, José Lanzellotti, João Batista Queiroz, Manoel Ferreira, Orlando Pizzi, Luiz Saidenberg, Isomar Guilherme, Waldir Igayara de Souza, José Bento, Almir Bortolassi, Wilson Fernandes, Inácio Justo, Antônio Duarte, Paulo Hamasaki, Maurício de Souza e Eduardo Barbosa. Contou ainda com os roteiristas Hélio Porto, Cláudio de Souza e Waldir Wey. (JÚNIOR, 2004, p. 314).

Em uma acepção crítica, Júnior (2004) cita que, mesmo com o esforço em valorizar HQ produzidas no país, inclusive com a utilização de uma tarja verde amarela contendo a frase “TOTALMENTE ESCRITA E DESENHADA NO BRASIL”, o cerne dos conteúdos dos quadrinhos nacionais era baseado nos enredos americanos, o que descontextualizavam as HQ nacionais, por não estarem de acordo com a realidade do público brasileiro.

Em 1954, o psiquiatra Fredric Wertham publicou o livro *A sedução dos inocentes*, com críticas negativas sobre as Histórias em Quadrinhos. Para suas

hipóteses, o médico baseou-se, de forma genérica e abstrata, em histórias com um roteiro de suspense e terror, analisando casos isolados de pacientes tratados em sua clínica. (VERGUEIRO, 2005)

O ponto de vista do doutor Fredric influenciou muito a sociedade brasileira e, assim, trouxe períodos difíceis aos cartunistas. No afã de marcar a qualidade dos textos, Vergueiro (2005, p. 14) ressaltou o procedimento adotado pelas editoras: “no Brasil, os editores elaboraram um código próprio e aplicaram às revistas um selo semelhante àquele desenvolvido nos Estados Unidos”.

De modo geral, ao longo de sua história, os quadrinhos, em todo o mundo, alcançaram grande sucesso, mas também enfrentaram períodos de dificuldade, como destaca Vergueiro (2005):

As campanhas difamatórias e o aparecimento de um pujante meio de comunicação de massa, a televisão, trouxeram aos quadrinhos momentos de dificuldade, superados por autores e editores em cinco décadas de luta. As lojas especializadas, que se multiplicaram no final dos anos 70, trouxeram alento para a área, mas não colaboraram para a renovação de leitores. Enquanto isso, as "graphic novels" buscaram um público adulto, tendência explorada por fanzines e revistas alternativas. Os quadrinhos iniciam o século 21 em busca de amadurecimento, de legitimação como linguagem artística e de ampliação de seu público para camadas mais eruditas. Ao mesmo tempo, a comunicação eletrônica levou os quadrinhos a recorrer a uma linguagem híbrida, em que elementos tradicionais da linguagem gráfica sequencial convivem com contribuições oriundas da informática, da animação e do cinema. (VERGUEIRO, 2005, p.1).

A trajetória histórica dos quadrinhos revela que, equivocadamente, estudos e pesquisas educacionais, desenvolvidas em 1944, reforçaram o preconceito em relação às historietas. O resultado, no entanto, foi favorável, pois, a sociedade passou a exigir acompanhamento especializado das HQ, o que culminou com leis para a sua produção, bem como um selo de qualidade para quem cumprisse as normas estabelecidas.

Com o avanço da tecnologia, houve a redescoberta dos quadrinhos e, tempos depois, após avaliação do Ministério da Educação, no ano de 1990, os quadrinhos começaram a compor as páginas dos livros didáticos. Dessa feita, os educadores utilizaram as histórias em quadrinhos como uma maneira de inovar as aulas, inclusive, o processo de assimilação dos conteúdos. (VERGUEIRO; RAMOS, 2015).

Desse modo, nos livros didáticos, é comum os autores trazerem HQ, como uma forma de motivação, ao chamar a atenção dos alunos e ensinar de maneira mais descontraída. O professor, no seu papel de mediador de leituras, pode criar estratégias que promovam práticas diversificadas no ato de ler, num espaço de aprendizagem que leve ao desenvolvimento crítico dos educandos, em busca do protagonismo e respeito à heterogeneidade.

Os estudos sobre a legislação brasileira no âmbito educacional e suas implicações no contexto escolar revelam as origens da introdução de novas linguagens às aulas, conforme cita Vergueiro; Ramos (2015):

O início de uma mudança mais contundente veio com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), promulgada em 20 de dezembro de 1996. O texto já apontava para a necessidade de inserção de outras linguagens e manifestações artísticas nos ensinamentos fundamental e médio. (VERGUEIRO; RAMOS, 2015, p.10).

Ao longo dos anos, percebe-se que as HQ foram reconhecidas e, até mesmo recomendadas, à semelhança do que ocorre na Lei de Diretrizes e Bases (LDB) e nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). A partir do momento em que foram vislumbradas com outro olhar e reconheceu-se a importância de seus textos sincréticos, houve sua valorização no âmbito escolar e abriram-se as portas para sua utilização como um recurso pedagógico capaz de trabalhar com o imaginário e promover a efetivação do processo que envolve o ensino e a aprendizagem.

Os PCN de Língua Portuguesa propõem a transmissão dos conteúdos por meio de gêneros. (VERGUEIRO; RAMOS, 2015). Dentre eles, está o gênero HQ, com suas peculiaridades, significados e efeitos sobre o leitor. No caso do ensino fundamental, existe referência específica à charge e à leitura crítica que esse gênero demanda:

Ao professor cabe planejar, implementar e dirigir as atividades didáticas, com o objetivo de desencadear, apoiar e orientar o esforço de ação e reflexão do aluno, procurando garantir aprendizagem efetiva. Cabe também assumir o papel de informante e de interlocutor privilegiado, que tematiza aspectos prioritários em função das necessidades dos alunos e de suas possibilidades de aprendizagem. (BRASIL, 1998, p. 22).

As HQ são utilizadas como um recurso didático que atende às especificidades dos educandos e abrange as áreas do conhecimento na utilização de artes visuais, desenho, unidades sequenciais, animação, onomatopeias, diálogos.

Para os PCN “é necessário contemplar, nas atividades de ensino, a diversidade de textos e gêneros, e não apenas em função de sua relevância social, mas também pelo fato de que textos pertencentes a diferentes gêneros são organizados de diferentes formas”. (BRASIL, 1998, p. 23).

Os quadrinhos compõem um conjunto de ferramentas gráficas com estruturas de linguagem que lhes são próprias, tornando-se interessantes e adaptáveis em várias circunstâncias, com temáticas sociais que promovem familiaridade ao tema, transmitem novos conceitos, modos de vivência, visões globais de mundo e, até mesmo, informações científicas, com uma linguagem de fácil compreensão que abrange diferentes grupos, de faixa etária e culturas diversificadas.

No ensino de Língua Portuguesa o professor deve utilizar textos que enfatizem situações da realidade, em busca do desenvolvimento pleno do educando, bem como o exercício de cidadania, para que tenha a oportunidade de refletir criticamente e atuar de forma ativa na sociedade letrada. (BRASIL, 1998).

Além dos PCN, as HQ foram reconhecidas e enquadradas no Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE), a partir de 2006, conforme Vergueiro e Ramos (2015, p. 12), “a partir de 2006, último ano do primeiro mandato do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, houve outro movimento no sentido de inserir os quadrinhos na área do ensino”. Nesse sentido, explicam que:

No ano de 2006, as HQ começaram a fazer parte do PNBE, embora com poucos exemplares selecionados, o que foi um grande avanço. Em 2008, as obras em quadrinhos representaram 7% do total adquiridos. (VERGUEIRO; RAMOS, 2015).

Conforme Vergueiro e Ramos (2015), em 2009, o PNBE incluiu os quadrinhos na relação de obras a serem adquiridas no meio escolar, fato esse que tornou realidade o valor das histórias em quadrinhos para o desenvolvimento da leitura e da escrita. Os autores acrescentam:

O Ministério da Educação (MEC) tornou pública a lista para aquisição de obras para os ensinos fundamental e médio em 7 de outubro de

2008, compreendendo 600 obras no total (300 para o ensino fundamental e 300 para o ensino médio). Ambas as listagens incluíram títulos de histórias em quadrinhos. (VERGUEIRO; RAMOS, 2015, p. 25).

Com a utilização dos quadrinhos nos livros didáticos e o acesso às obras quadrinizadas, as HQ passaram a ser mais valorizadas, sendo um avanço para uma leitura tida, equivocadamente, como superficial e massificada. Vergueiro (2005, p. 26), ressalta que “nos quadrinhos o único limite para seu bom aproveitamento em qualquer sala de aula é a criatividade do professor e sua capacidade de bem utilizá-los para atingir seus objetivos de ensino”.

Atualmente as HQs, consideradas a nona arte, vigoram em provas de vestibulares, concursos e ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio). Tal fato demonstra sua efetivação no âmbito educacional, por exemplo, entre 1998 e 2010, o ENEM, apresentou cerca de trinta e oito questões com e sobre histórias em quadrinhos. (RAMOS, 2012).

Nesta perspectiva, as HQ ganham espaço e popularizam-se, utilizando formas narrativas atreladas a uma estética gráfica inovadora, ao mesmo tempo em que proporcionam um aprendizado mais agradável e crítico.

2.3 Conceito e elementos dos quadrinhos

Para ilustrar os conceitos e elementos dos quadrinhos, utilizamos imagens que compõem a obra *Três Sombras* (2011), de Cyril Pedrosa, buscando trazer exemplos concisos, para melhor entendimento.

As HQ recebem muitos conceitos, alguns pesquisadores da nona arte diferem sobre a conceituação dos quadrinhos, mas acabam se complementando em relação à forma artística e literária que abrangem.

Eisner (1989, p. 5), famoso desenhista norte-americano, define as histórias em quadrinhos como uma arte sequencial, ou seja, uma “forma artística e literária que lida com a disposição de figuras ou imagens e palavras para narrar uma história ou dramatizar uma ideia”.

Os quadrinhos têm a função primordial de comunicação de ideias, por meio de figuras dispostas em sequência, conforme figura 23, com a utilização de requadros, para indicar as ações da história. (EISNER, 1989).



Figura 23: Figuras em sequência

Fonte: Pedrosa, 2011, p.3

McCloud (2005, p. 01) segue a perspectiva trazida por Eisner, mas amplia o conceito, ao afirmar que “o meio a que chamamos histórias em quadrinhos se baseia numa ideia simples: a ideia de posicionar uma imagem após a outra para ilustrar passagem de tempo”.

Para Vergueiro (2005, p 31) “as histórias em quadrinhos constituem um sistema narrativo composto por dois códigos que atuam em constante interação: o visual e o verbal”.



Figura 24: Visual e verbal

Fonte: Pedrosa, 2011, p. 22

Ramos (2012) destaca que os quadrinhos são apresentados de forma fixa, neles estão agrupados elementos como cenário, imagético do leitor. Já Luyten (1985), as HQ "são formadas por dois códigos de signos gráficos: a imagem e a linguagem escrita", numa sequência narrativa contínua. Vergueiro complementa os conceitos (2005, p. 35): "o quadrinho constitui a representação, por meio de uma imagem fixa, conforme figura 25, de um instante específico ou de uma sequência interligada de instantes, que são essenciais para a compreensão de uma determinada ação ou acontecimento".

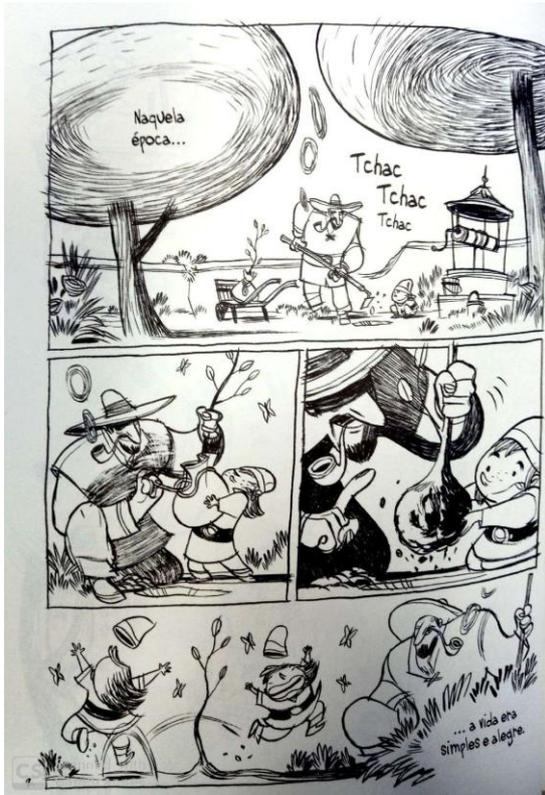


Figura 25: Imagem fixa

Fonte: Pedrosa, 2011, p. 2

Eisner (1999, p. 41) aponta para o fato de que nas HQ “existem na verdade dois quadrinhos: a página total, que pode conter vários quadrinhos, e o quadrinho em si, dentro do qual se desenrola a ação narrativa. Eles são o dispositivo de controle da arte sequencial”.

Uma das principais funções da HQ é a comunicação de ideias e de fatos com a utilização de palavras e imagens. Os diversos elementos que compõem os quadrinhos, de forma criativa e inovadora, organizam pensamentos, ações, no tempo e no espaço. (EISNER, 1989).

Para Cagnin (1975), a HQ apresenta um sistema narrativo formado por dois códigos gráficos: linguagem não verbal (imagens) e linguagem escrita (balões e descrições), que atuam no contexto dos quadrinhos de forma interligada. Patati e Braga (2006, p. 09) complementam o conceito e ressaltam que as HQ são “um dos mais difundidos e populares meios de fabulação visual do planeta”. Cirne (1970) também destaca que as HQ expressam um novo tipo de literatura, literatura gráfico-

visual, com significado estético no século XX, com transformações sociais e tecnológicas e permitem a inovação dessa arte.

Para melhor compreender a linguagem dos quadrinhos, faz-se necessário conhecer os elementos que compõem esta arte gráfica, utilizando figuras que fazem parte da obra analisada na proposta de intervenção pedagógica, sendo eles: balão, vinheta ou requadro, onomatopeias, cores.

Os balões apresentam funções específicas, conforme a necessidade. Segundo Rama e Vergueiro (2005) o balão fala, mostra o que o personagem está falando, com formato oval e um rabicho próximo da boca do personagem. O balão, com dois ou mais rabichos, indica que os personagens estão dizendo a mesma coisa, ao mesmo tempo; o balão pensamento tem formato de nuvens e rabicho como bolhas; o balão grito tem várias pontas com tamanhos diversos; o balão cochicho ou de linhas tracejadas indica voz muito baixa; o balão ideia ocorre quando o personagem tem um *insigh*. O balão narrador não está associado aos personagens, antes, traz mensagens sobre a história; já o balão em *zig-zag* indica a voz vinda de algum aparelho (telefone, robô, TV).

Dentre os elementos dos quadrinhos, também temos a legenda, que, segundo Vergueiro (2005, p. 62), “representa a voz onisciente do narrador, figura 26, da história, sendo utilizada para situar o leitor no tempo e no espaço”.



Figura 26: Narrador onisciente

Fonte: Pedrosa, 2011, p. 5

O balão é um recurso próprio das histórias em quadrinhos, que permite maior dinamismo e um papel imagético, com indicação de emoções e atitudes, conforme

Cagnin (1975, p.121), “o balão, representado na figura 27, criação original dos quadrinhos [...] é o elemento que indica o diálogo entre as personagens e introduz o discurso direto na sequência narrativa”.



Figura 27: Balão fala 1

Fonte: Pedrosa, 2011, p.11

Vergueiro (2005, p. 60) ressalta que o texto contido no balão, além de sua mensagem principal, ou seja, o significado das palavras, também transmite uma mensagem específica de acordo com o tipo de letra que é utilizado para sua composição. Quando as letras são apresentadas de forma normal sem elementos diferenciados, significa que a conversa está num tom normal; já em outros casos, a grafia pode aparecer com tamanho e formas distintos, conforme figura 28. (VERGUEIRO, 2005).



Figura 28: Balão fala 2

Fonte: Pedrosa, 20121, p.193

Conforme Vergueiro (2005, p. 60-61), as letras podem ser grafadas nos tamanhos: normal, maior que o normal, em negrito; tamanho menor que o normal; tremidas; em alfabetos ou tipologias diferentes.

O tamanho maior que o normal, em negrito – representa um tom de voz mais alto que o normal, dando uma ordem, conforme exemplifica a figura 29.

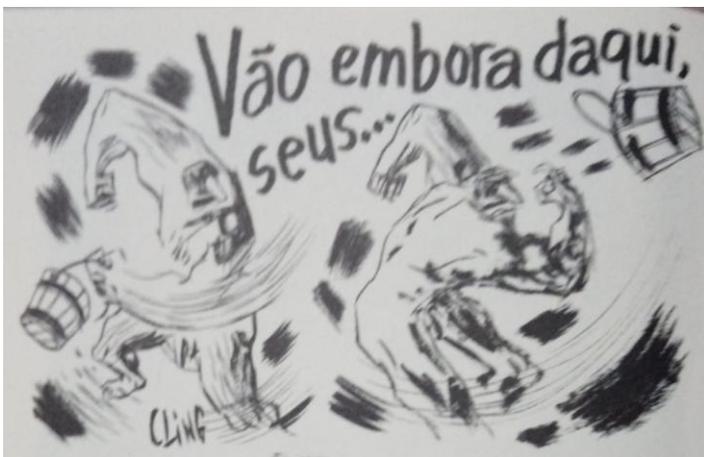


Figura 29: Tamanho maior que o normal, em negrito

Fonte: Pedrosa, 2011, p.46

O tamanho menor que o normal – significa que as palavras são pronunciadas em um tom mais baixo que o normal, expressa submissão, confidências, conforme figura 30.



Figura 30: Tamanho menor que o normal

Fonte: Pedrosa, 2011, p. 65

As letras tremidas – demonstram medo, quando as letras são maiores expressam um grito de medo, conforme figura 31.



Figura 33: Onomatopeias 1

Fonte: Pedrosa, 2011, p. 125.



Figura 34: Onomatopeias 2

Fonte: Pedrosa, 2011, p. 19.

As onomatopeias podem variar conforme as escolhas de cada cartunista; alguns adaptam as onomatopeias do inglês à língua portuguesa, conforme figura 35 (RAMA; VERGUEIRO, 2005).



Figura 35: Onomatopeias 3

Fonte: Pedrosa, 2011, p. 28.

As imagens e textos são colocados dentro do requadro, assim cada um compõe as ações das HQ. Mas, conforme Ramos (2012), o formato da vinheta pode assumir outros contornos menos convencionais, como circulares, formato de um labirinto e vinhetas onduladas, entre outros, dependendo do autor ou do espaço físico utilizado para produzir a história.

A vinheta é fundamental nos quadrinhos e tem o papel de marcação do tempo e do espaço. Ao realizar a leitura quadro a quadro, tem-se a sensação de movimento, conforme figura 36. (MCCLOUD, 2005).



Figura 36: Requadro

Fonte: Pedrosa, 2011, p. 192.

O espaço entre os requadros, representado nas figuras 37 e 38, é um elemento crucial da arte sequencial, sendo o momento em que o leitor reflete sobre as ações e completa a história com sua imaginação, o que cria uma intimidade entre o leitor e a obra. Para McCloud (2005, p. 33), “os quadros das Histórias fragmentam o tempo e o espaço, oferecendo um ritmo recortado de momentos dissociados. Mas a conclusão nos permite conectar esses momentos e concluir mentalmente uma realidade contínua e unificada”.



Figura 37: Espaço entre os quadros

Fonte: Pedrosa, 2011, p. 136.

O leitor tem de preencher, com sua cosmovisão, as lacunas criadas entre um quadro e outro, desenvolvendo, assim, suas capacidades interpretativas e verbais, pois, ao se deparar, simultaneamente, com imagens e textos, necessita utilizar de conhecimentos prévios para poder realizar uma leitura plena da HQ (EISNER, 2010, p. 20).

Na linguagem nos quadrinhos, ainda, destacam-se as metáforas visuais, representada na figura 38, sobre as quais depreendem as palavras de Vergueiro (2005):

[...] as metáforas visuais atuam no sentido de expressar ideias e sentimentos, reforçando, muitas vezes, o conteúdo verbal. Elas se constituem em signos ou convenções gráficas que têm relação direta ou indireta com expressões do senso comum, como, por exemplo, “ver estrelas”, “falar cobras e lagartos”, “dormir como um tronco” etc. As metáforas visuais possibilitam um rápido entendimento da ideia. Elas podem estar localizadas dentro ou fora dos balões (VERGUEIRO, 2005, p. 54).

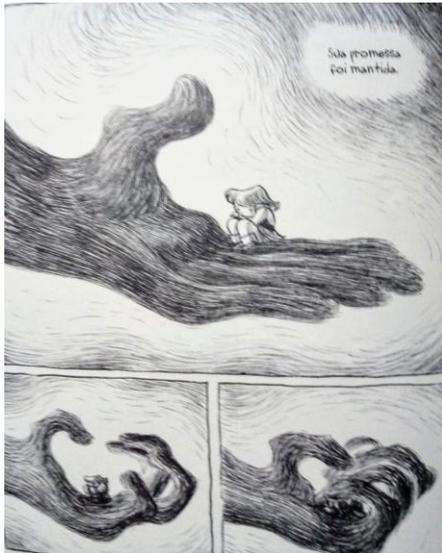


Figura 38: Metáforas visuais 1

Fonte: Pedrosa, 2011, p.198.

As metáforas visuais são recursos gráficos utilizados para representar fatos do cotidiano e/ou ficcionais por meio de imagem, seguindo uma sequência para compor as ações. Segundo McCloud (2005, p. 05), “as HQs se configuram como imagens pictóricas e outras justapostas em sequência deliberada”.

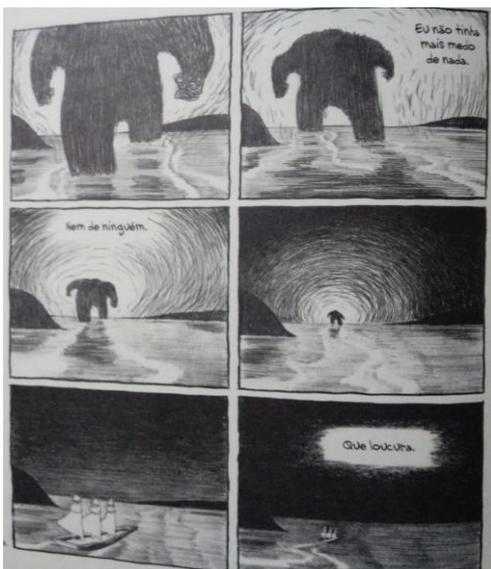


Figura 39: Metáforas visuais 2

Fonte: Pedrosa, 2011, p. 200.

As metáforas visuais trazem ao leitor diferentes estratégias de interpretação do quadrinho, enriquecendo a leitura da obra e os sentidos que o enredo deseja transmitir.

Vergueiro (2005) destaca que os enquadramentos ou planos dos quadrinhos demonstram a forma como a imagem foi representada, limitada na altura e na largura. Igual o procedimento ocorre na fotografia e na pintura.

Os tipos de planos são definidos de acordo com a posição em que o corpo está disposto no espaço do quadrinho. Vergueiro (2005, p. 40-42) divide-os em: plano geral, plano total ou de conjunto, plano médio ou aproximado, plano americano, primeiro plano, plano detalhe, pormenor ou *close-up*.

O “plano geral”: abrange a figura humana com todo o cenário ao redor, com enquadramento bastante amplo, conforme figura 40.

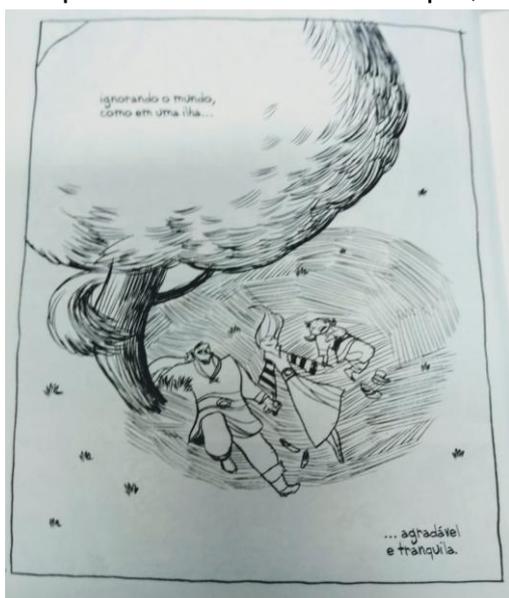


Figura 40: Plano geral

Fonte: Pedrosa, 2011, p.6.

No “plano total ou de conjunto”: o enquadramento permite apenas a pessoa humana, sem abranger os detalhes do espaço em volta, representado na figura 41.



Figura 41: Plano total ou de conjunto

Fonte: Pedrosa, 2011, p.114.

No “plano médio ou aproximado”: representa os personagens da cintura para cima, permitindo mais clareza nos traços físicos e expressões, conforme figura 42.



Figura 42: Plano médio ou aproximado

Fonte: Pedrosa, 2011, p.136.

O “plano americano”: o foco está no personagem a partir da altura dos joelhos com intenção de mostrar que, em uma conversação normal, nossa percepção em relação a quem está falando se dilui a partir desse ponto, representado na figura 43.



Figura 43: Plano americano

Fonte: Pedrosa, 2011, p.141.

No “primeiro plano”: o enquadramento da figura é limitado à altura dos ombros, destacando a expressão do personagem, bem como seu estado emocional, conforme figura 44.



Figura 44: Primeiro plano

Fonte: Pedrosa, 2011, p.6.

No “plano detalhe, pormenor ou *close-up*”: o espaço da figura é limitado, representando uma parte específica, para chamar a atenção do leitor, exemplificado na figura 45.



Figura 45: Plano detalhe, pormenor ou *close-up*

Fonte: Pedrosa, 2011, p.56.

De acordo com Vergueiro e Rama (2005, p.43), os ângulos de visão representam a forma como o autor deseja que a cena seja observada. Basicamente, eles se dividem em três tipos: ângulo de visão médio, visão superior e visão inferior.

No “ângulo de visão médio”: apresenta a cena de frente, como se a ação fosse à altura dos olhos do leitor, conforme exemplo da figura 46.



Figura 46: Ângulo de visão médio

Fonte: Pedrosa, 2011, p.42.

No “ângulo de visão superior, *plongé* ou *picado*”: a cena é enquadrada de cima para baixo e o personagem é diminuído, sugerindo suspense, conforme figura 47.



Figura 47: Ângulo de visão superior, *plongé* ou *picado*

Fonte: Pedrosa, 2011, p. 43.

No “ângulo de visão inferior, *contre-plongé* ou contra-picado”: a cena é vista de baixo para cima, tem o intuito de enaltecer, engrandecer o personagem, exemplificada na figura 48.

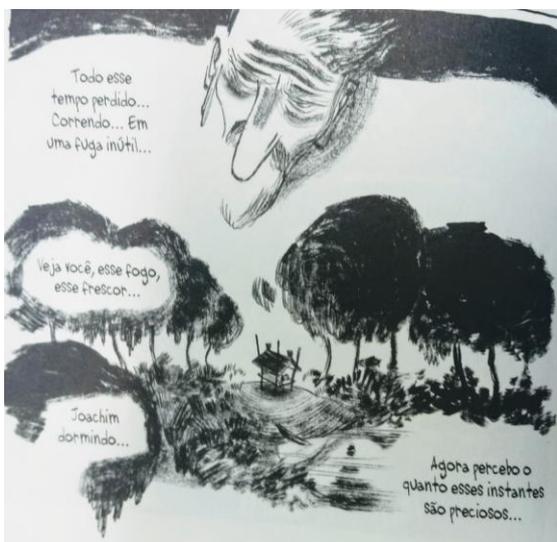


Figura 48: Ângulo de visão inferior, *contre-plongé* ou contra-picado

Fonte: Pedrosa, 2011, p. 190.

Portanto, a configuração geral das histórias dos quadrinhos, exemplificada com figuras que compõe a obra *Três Sombras* (2011) de Cyril Pedrosa, apresenta uma relação muito estreita entre palavra e imagem e exige do leitor habilidades interpretativas visuais e verbais, ademais de percepção estética.

2.4 História em Quadrinhos em sala de aula

No contexto atual, com o avanço da tecnologia, os professores necessitam reinventar as aulas, tornando-as mais atraentes e significativas. As HQ, sendo uma arte sequencial, podem colaborar com o profissional da educação, pois combinam o verbal e não verbal e, desse modo, instigam a compreensão leitora, articulando conteúdos com o cotidiano do educando.

As HQ podem ser utilizadas de forma eficaz na transmissão dos saberes, com uma função educativa que vai além do entretenimento, podendo trazer enredos sobre personagens famosos, figuras da literatura e fatos históricos. (VERGUEIRO, 2005)

As artes sequenciais, como ferramenta pedagógica, proporcionam ao

professor meios para estimular a leitura, já que com a união do visual e do verbal os conteúdos se tornam mais atrativos e fáceis de serem compreendidos. Como comenta Luyten (1985, p. 08) “os quadrinhos exercitam a criatividade e a imaginação da criança, quando bem utilizados. Auxilia no reforço à leitura e constitui uma linguagem altamente dinâmica”.

Nessa perspectiva, os quadrinhos podem mediar um bom diálogo entre professor e aluno, sendo necessário um processo de alfabetização na linguagem utilizada nesse gênero, para que tais recursos sejam bem aproveitados no âmbito educacional.

Segundo Cirne (1970, p. 65), “os quadrinhos, como o cinema e a televisão, a música e o poema, são fundamentais, ideologicamente falando, para a formação de uma cultura brasileira”. Nesse contexto, as narrativas gráficas permitem o desenvolvimento do senso crítico e promovem a reflexão de diversos temas a serem trabalhados em sala de aula. Cabe ao professor selecionar a HQ que deseja utilizar para desenvolver os conteúdos, sempre instigando os alunos a refletir coletivamente sobre o assunto e individualmente com a interpretação de textos.

Em sala de aula, as HQ propiciam um aprendizado inovador, com a utilização de uma nova linguagem; assim, o educando consegue manter o foco no enredo e interpretar com mais autonomia, também se identifica com os personagens e adquire noção de tempo e espaço. (LUYTEN, 1985).

Os quadrinhos envolvem a linguagem verbal e a não verbal, associando a linguagem explícita e imagética, com uma variedade semântica que leva o leitor a atentar ao que está lendo. Ademais, permitem trabalhar estratégias de interação com as cores, formato dos balões, expressões fisionômicas, onomatopeias, entre outros. Conforme esclarece Vergueiro (2005):

As histórias em quadrinhos aumentam a motivação dos estudantes para o conteúdo das aulas, aguçando sua curiosidade e desafiando seu senso crítico. A forte identificação dos estudantes com os ícones da cultura de massa – entre os quais se destacam vários personagens dos quadrinhos -, é também um elemento que reforça a utilização das histórias em quadrinhos no processo didático. (VERGUEIRO, 2005, p. 21)

Por meio da interação das múltiplas linguagens, as HQ relacionam os discursos que possibilitam a comunicação dinâmica, expressiva e significativa, e

ainda propiciam o uso da imaginação e raciocínio lógico. A partir delas, a leitura torna-se mais dinâmica, com uma linguagem de fácil acesso e bastante agradável. Segundo Eisner (1989, p. 08), “a configuração geral da revista em quadrinhos apresenta uma sobreposição de palavra e imagem e, assim, é preciso que o leitor exerça as suas habilidades interpretativas visuais e verbais”.

O educador necessita estar familiarizado com a linguagem das HQ, explorando o verbal e o não verbal, conhecendo os tipos de balões que expressam sentimentos e falas, indicando as onomatopeias utilizadas. Na utilização dos elementos gráficos, os educandos podem adquirir uma consciência crítica e ativa.

Para Mendonça (2007, p. 207), “reconhecer e utilizar histórias em quadrinhos como ferramenta pedagógica parece ser fundamental, numa época em que a imagem e a palavra, cada vez mais, as associam para a produção de sentido nos diversos contextos comunicativos”.

Uma imagem num simples quadrinho é como se fosse uma palavra, que, isolada tem um determinado significado, mas, numa sequência, com outros elementos gráficos, adquire outro significado. Conforme Eisner (1989, p. 39), “a representação dos elementos dentro do quadrinho, a disposição das imagens dentro deles e a sua relação e associação com as outras imagens das sequências são a gramática”.

Entre um quadro e outro há um espaço em branco, que permite ao leitor fazer suas inferências ao que está lendo; é um momento de transformar o espaço em uma ideia. McCloud (2005, p. 66) ressalta que “a sarjeta é responsável por grande parte da magia e mistério que existem na essência dos quadrinhos”.

McCloud (2005) explana, ainda, que o processo de transição de um quadro para outro, passa pela sarjeta e pode acontecer de seis formas diferentes: 1) Momento a momento, utilizada para retardar a ação e aumentar o suspense, principalmente em trechos que necessitam de mais atenção; 2) Ação a ação, cada quadrinho revela uma ação; 3) Sujeito a sujeito, há alteração de diálogos entre os personagens, buscando a atenção do leitor; 4) Cena a cena, permite diversos intervalos de tempo e lugar; 5) Aspecto a aspecto, busca a criação de uma sensação de estado de espírito, com diferentes possibilidades; 6) *Non sequitur*, proporciona piadas absurdas de histórias reais.

Tais elementos compõem as narrativas gráficas, que, interligadas,

determinam uma ação ou acontecimento. Com isso, a utilização de texto e imagem facilita a compreensão de mundo, num trabalho em conjunto, educador e educando realizam a leitura e a compreensão dos elementos que formam os quadrinhos.

Com a interligação do texto e da imagem das HQ, há a compreensão mais dinâmica; um código complementa o outro num nível de comunicação que permite um avanço no processo de ensino e aprendizagem. (VERGUEIRO, 2005).

As HQ estimulam o desenvolvimento da linguagem oral e escrita, por meio de criações literárias e artísticas do educando (LUYTEN, 1985). Dessa forma, os quadrinhos podem ser utilizados como tema central de uma discussão, exercícios que trabalham a análise de um conteúdo (fatos familiares, tipos de profissões, problemas sociais e ambientais, fatores sociais e culturais), e ainda realizar *quadrinização* com roteiros próprios.

Conforme Vergueiro (2005, p. 22), “existe um alto nível de informações nos quadrinhos”, podendo ser trabalhadas de forma interdisciplinar no campo da física, química, engenharia, como uma metodologia flexível e acessível aos estudantes.

Vários objetivos podem ser atingidos com a utilização da arte sequencial, especialmente o incentivo à leitura, com informações acessíveis que permitem o desenvolvimento do imaginário e interesse pelo assunto.

Assim, entendemos que as HQ trazem benefícios para a prática pedagógica, enriquecem o vocabulário dos educandos, estimulam a criatividade e a imaginação. Conforme Vergueiro (2005, p. 22), “cada história em quadrinhos oferece um variado leque de informações passíveis de serem discutidas em sala de aula, dependendo apenas do interesse do professor e dos alunos”.

As histórias em quadrinhos, segundo Cagnin (1975), podem ser classificadas em: Literárias – representando um fenômeno paralelo aos estudos tradicionais e como continuação do folhetim e do cordel; Históricas – acompanhando a evolução do homem. Sociológicas - influência social e ideológica da sociedade; Psicológicas – trabalhada como higiene mental e distração; Didáticas - adequação aos conteúdos; Estético-psicológicas - destinada à emoção intensa e passageira; De valores - produção para o consumo das massas; e Publicitárias – venda de produtos.

Por esses fatores, e ainda pelo caráter globalizado, as HQ podem ser utilizadas e exploradas em qualquer nível escolar, basta escolher o tema conforme a faixa etária e aproveitar os elementos discursivos para desenvolver a aula.

A utilização dos quadrinhos traz a motivação ao educando em desenvolver hábitos de leitura de forma lúdica, pois, com a representação visual do conhecimento, consegue evidenciar a ideia central e compreender a história, por meio de conexões entre o visual e o verbal. (LUYTEN, 1985).

Por estabelecer uma continuidade com elementos verbais e visuais, Eisner (1989, p. 5) considera os quadrinhos como uma “forma artística e literária que lida com a disposição de figuras ou imagens e palavras para narrar ou dramatizar uma ideia”. Com isso, propiciam ao educando a oportunidade de expandir o campo de leitura, já que a familiaridade pelos quadrinhos motiva o ato de ler e pode desenvolver o interesse para outros gêneros. Vergueiro (2005) acrescenta:

A ampliação da familiaridade com a leitura de histórias em quadrinhos, propiciada por sua aplicação em sala de aula, possibilita que muitos estudantes se abram para os benefícios da leitura, encontrando menor dificuldade para concentrar-se nas leituras com finalidade de estudo. (VERGUEIRO, 2005, p. 23.)

A linguagem icônica apresenta um nível de codificação que lhe é próprio, sendo interpretada por códigos perceptivos e de reconhecimento. (ALMEIDA, 1997). Assim, nos quadrinhos, a união de elementos verbais e icônicos, permite dupla articulação da linguagem, com possibilidades de encaminhamento da mensagem e as perspectivas de recepção pelo destinatário.

Entendemos que os quadrinhos podem ser utilizados para introduzir um tema e depois ser aprofundado por outros meios, pois se aproximam do cotidiano dos estudantes, ampliando o leque de informações e a compreensão de diversos conceitos.

O icônico traz características do local representado, como portas, janelas, telhado, cores, e o verbal evidencia uma representação mais abstrata (ALMEIDA, 1997). Com isso, abre-se um leque de oportunidades para o desenvolvimento do hábito da leitura em nossos alunos. A utilização de HQs nas escolas tornam o ensino mais dinâmico e motivador, pois trabalham com a imaginação e favorecem o desenvolvimento do senso crítico.

Conforme Candido (1995, p. 243), a literatura “tem papel formador da personalidade, nas não segundo as convenções; seria antes segundo a força indiscriminada e poderosa da própria realidade”. Candido (1995) afirma, ainda, que:

A relação da literatura com os direitos humanos é de dois ângulos diferentes. Primeiro, verifiquei que a literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e, portanto, nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade. Em segundo lugar a literatura pode ser um instrumento consciente de desmascaramento, pelo fato de focalizar as situações de restrição dos direitos, ou de negação deles, como a miséria, a servidão, a mutilação espiritual. Tanto num nível quanto no outro ela tem muito a ver com a luta pelos direitos humanos. (CANDIDO, 1995, p. 256).

Partindo do fato de que algumas HQ tem perfil literário, conforme Mendonça (2015), inclusive *As três sombras, corpus* desta pesquisa, percebe-se que os quadrinhos permitem ao educando a oportunidade de ter experiências narrativas significativas, com a compreensão do enredo, o conhecimento sobre o tempo e o espaço, o contato com personagens, ou seja, aproxima o leitor do texto, à medida que há um envolvimento e identificação com o que estão lendo.

As HQ podem ser utilizadas em sala de aula de duas formas: como ferramenta paradidática, em forma de exercícios, e como trabalho multidisciplinar, criação de novas histórias. (CARVALHO, 2006). As artes sequenciais conseguem estimular o hábito de leitura pela representação visual e verbal e a forma lúdica com que é apresentada, colabora com o desenvolvimento pleno do educando e estimula o processo cognitivo por seu aspecto ficcional, como destaca Mendonça (2007):

Uma das características mais conhecidas das histórias em quadrinhos é o seu aspecto ficcional. Pelas características de sua linguagem e talvez pelo caráter de sua produção que, em sua essência, é de baixo custo, as histórias em quadrinhos sempre foram um campo fértil para a criação dos mais diversos, fantasiosos e criativos personagens e histórias. (MENDONÇA, 2007, p.43).

É preciso realizar a identificação dos tipos de balões, metáforas visuais e onomatopeias, reconhecendo que as histórias em quadrinhos incentivam o educando a ter hábitos de leitura e a refletir sobre nossa sociedade, por meio das temáticas trabalhadas e os propósitos de comunicação, conforme a faixa etária e o interesse dos estudantes.

As HQ utilizam uma linguagem acessível, o que pode desenvolver a criticidade do estudante. Dependendo da maneira como são apresentadas,

proporcionam a assimilação significativa dos conteúdos trabalhados, trazendo benefícios à prática educativa.

A arte sequencial utilizada como ferramenta pedagógica e de fácil acesso entre os estudantes, favorece o trabalho nas instituições escolares, já que agrega ludicidade ao processo e trabalha a criatividade, e, a partir disso, colabora com a assimilação do conhecimento, num processo de humanização.

As HQ apresentam vários assuntos e temas de forma atraente, abordando lugares, épocas, conceitos, com elementos que permitem aos educandos a associação e comparação com o que viram antes. (VERGUEIRO; RAMOS, 2015).

Conforme Vergueiro e Ramos (2015, p. 79), “a leitura compartilhada de quadrinhos na sala de aula pode ser uma forma de abrir uma janela para o mundo e despertar o interesse dos alunos por coisas novas”.

Calazans (2004) aponta alguns critérios que podem ser utilizados antes de adotar uma HQ:

1. Um requisito importante na HQ didática é a existência de drama, verbo, ação e movimento, além de um colorido rico em todas as páginas. Os personagens devem prender a atenção do leitor, e o livro deve contar com uma linguagem acessível.
2. No caso de existirem longos discursos e ilustrações detalhadas de processos – descritivas, no entanto sem narrativa – ao longo de duas ou três páginas, ou então balões de fala com mais de sete linhas, o material pode ser entediante, afastando e desmotivando o aluno.
3. É necessário que o livro capte o interesse dos leitores, reproduza a imagem, o visual, a estética e o ritmo narrativo ao qual os alunos estão habituados em sua leitura espontânea.
4. Em caso de dúvida, o professor poderá testar o livro, mostrando-o aos alunos e pedindo que o avaliem. O educador deve estar disposto a ouvir e aceitar uma avaliação negativa. (CALAZANS, 2004, p. 21).

Portanto, ao utilizar as histórias em quadrinhos como metodologia inovadora, o educador deve estar atento aos objetivos que deseja alcançar, selecionando as HQ que sejam adaptáveis à turma e ao conteúdo trabalhado, sempre buscando a interação de um conjunto de fatores reais, por meio do imaginário, de forma reflexiva e abrangente sobre esses conceitos e da associação com o cotidiano escolar.

SEÇÃO 3

PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

3.1 Metodologia

Este projeto de intervenção pedagógica foi desenvolvido no contexto escolar e teve como objetivo geral a resolução da problemática apresentada anteriormente, ou seja, despertar nos educandos o interesse pela leitura por meio das histórias em quadrinhos, com a utilização das diferentes linguagens deste gênero, a fim de desenvolver o prazer pelo ato de ler e colaborar com a formação do aluno leitor. Para tanto, a base metodológica, deste trabalho, reside na abordagem qualitativa, que implica uma pesquisa com aspectos racionais e sistemáticos (GIL, 1999).

O suporte do método, aqui, aponta, também, para a investigação exploratória quanto à revisão bibliográfica e entrevistas realizadas no intuito de desenvolver o tema, esclarecer a hipótese proposta e, a partir dessas etapas, formular conceitos sobre o tema. Nesse sentido, Gil (1999, p. 43) enfatiza que pesquisa exploratória “visa proporcionar um maior conhecimento para o pesquisador acerca do assunto, a fim de que esse possa formular problemas mais precisos ou criar hipóteses que possam ser pesquisadas por estudos posteriores”.

Para o desenvolvimento da metodologia efetua-se, ainda, a pesquisa-ação, que utiliza dados coletados por meio das observações, de questionários e das atividades realizadas em sala de aula. Conforme Thiollent (2005, p. 21), “na pesquisa-ação os pesquisadores desempenham um papel ativo no equacionamento dos problemas encontrados, no acompanhamento e na avaliação das ações desencadeadas em função dos problemas”. Isso porque colabora com o entendimento da realidade vivenciada no dia a dia da escola, para orientar a tomada de decisão, selecionar conteúdos e técnicas adequados aos alunos atendidos.

Ademais, a pesquisa ação se destaca como uma pesquisa social, que está baseada na ação e resolução de um determinado problema coletivo, no qual os envolvidos participam de modo ativo e cooperativo. (THIOLLENT, 2005).

Nessa linha de pesquisa haverá: 1) Exploração por meio da revisão bibliográfica sobre as histórias em quadrinhos (HQ) na formação do aluno-leitor; 2) Levantamento de dados: pesquisa bibliográfica sobre aspectos da leitura e utilização

de histórias em quadrinhos; 3) Ação: intervenção pedagógica; 4) Avaliação: análise dos dados.

Dessa forma, com o trabalho artístico em sala de aula, pelo viés da literatura e, especificamente, por meio das histórias em quadrinhos, pretende-se a humanização do aluno-leitor. Candido (1995) ressalta que a literatura possui uma função social de transformar e humanizar o homem e a sociedade em que está inserido e pontua que:

A literatura “é um dos meios por que o jovem entra em contato com realidades que se tenciona escamotear-lhe [...] ela não corrompe nem edifica, portanto; mas, trazendo livremente em si o que chamamos o bem, o que chamamos o mal, humaniza em sentido profundo, porque faz viver”. (CÂNDIDO, 1995, p.805-806)

A literatura propicia ao aluno leitor a oportunidade de interação com o texto, com base nos conhecimentos de mundo, em suas ideologias e valores e permite-lhe, assim, elaborar novos saberes e, conseqüentemente, expandir seu universo literário.

3.2 Instituição de Ensino: aspectos históricos, estrutura física, materiais e espaços pedagógicos e recursos humanos

O projeto de intervenção foi realizado no Colégio Estadual Jardim Alegre, localizado no município de Telêmaco Borba – Paraná. A instituição de ensino atende, aproximadamente, 600 alunos, distribuídos em 22 turmas, entre as modalidades de: Ensino Fundamental Anos Finais; Ensino Médio e Educação Profissional Subsequente de Nível Técnico, nos períodos matutino, vespertino e noturno. O trabalho será desenvolvido com 30 alunos, numa turma de 9º Ano, no período vespertino.

O processo para criação do colégio Estadual Jardim Alegre teve início em 1980 e surgiu em decorrência da necessidade de haver uma escola que atendesse alunos de 5ª série ao 2º grau, daquele setor, uma vez que o percurso dos estudantes do bairro Jardim Alegre até o centro da cidade era muito grande. As dificuldades – no trajeto e nos meios de transporte, além do fato de terem de se

levantar muito cedo para chegarem à escola – levaram vários alunos, que trabalhavam em outro período, a abandonarem os estudos.

Atualmente, o colégio atende a uma grande demanda de alunos dos bairros: Jardim Alegre, São João, São Silvestre, Ouro Verde, Parque Limeira Áreas I-II-VII, Vila Rosa, dentre outros, fato esse que proporciona estudo de primeira linha, oportuniza aos alunos completar a educação básica, melhora o nível de ensino e, conseqüentemente, a qualidade de vida.

O agrupamento discente é feito conforme o critério de faixa etária, nos níveis fundamental e médio. Em sala de aula, os alunos são elencados por ordem numérica e alfabética, a partir do primeiro nome. Embora o critério básico para o agrupamento seja o da equivalência de idades, as possíveis solicitações e carências são atendidas no âmbito individual.

Em relação às condições físicas, o colégio ocupa uma área de terreno de 7.251.34 metros quadrados, da qual cerca de 2.717.44 metros quadrados, é de área construída. A escola possui doze salas de aula, um laboratório de informática, uma biblioteca, um laboratório de biologia, química e física, uma sala de professores, uma secretaria, uma sala de atendimento técnico pedagógico, uma sala de recursos, uma cantina, uma sala de documentação escolar, dois sanitários femininos e três sanitários masculinos, uma quadra de esportes e uma sala de direção.

Para a estrutura física e pedagógica, o colégio dispõe dos seguintes recursos: materiais – armários de aço, impressoras, copiadora, computadores, impressora multifuncional, máquina fotográfica, armários de madeira, mapas, etc.

O colégio conta com um acervo bibliográfico de trezentos e vinte livros de Ensino Fundamental, quatrocentos e cinquenta livros de Ensino Médio, dois mil livros de literatura e novecentos e cinquenta livros do Ensino Técnico Profissionalizante.

O Colégio conta com direção e vice-direção, três pedagogos e setenta e dois professores (concursados e/ ou contratados). Atuam, ainda, no local, quinze funcionários, entre o setor administrativo, serviços gerais, com merendeiras e um técnico de execução, distribuídos nos períodos da manhã, tarde e noite, contratados e mantidos pela mantenedora.

3.3 Intervenção Pedagógica

O trabalho de intervenção direcionou-se à turma do 9º Ano, no período vespertino, com trinta alunos. A execução do Projeto envolveu a leitura e análise da obra *Três Sombras*, de Cyril Pedrosa, com interpretação oral, pesquisas, recortes de filmes e exposições em mural.

A faixa etária dos alunos que frequentam o nono Ano é de catorze a dezesseis anos. Essa fase da adolescência é bastante complexa, tanto no aspecto físico quanto no emocional, com mudanças de personalidade e questões hormonais, que geram conflitos e tensões psicológicas.

A adolescência é uma fase de transição para a vida adulta, por isso, os transtornos e manifestações precisam ser compreendidos e analisados, como uma forma preventiva para as experiências e incertezas que serão vivenciadas.

Cabe aos educadores conhecerem o perfil dos educandos, para bem encaminhá-los às etapas no processo de formação de leitores, conforme suas necessidades e conhecimentos prévios dos adolescentes.

A obra *Três Sombras* permite ao aluno-leitor reflexões de forma lúdica e profunda, uma vez que, por meio de metáforas e outras figuras de linguagem, trabalha questões sobre a vida e seu real significado.

Essa HQ é um instrumento rico para se trabalhar com os adolescentes, abordando seus momentos de buscas, ansiedades e conflitos, num período com tantas indagações sobre a vida.

A intervenção consistiu em um trabalho de três horas/aula semanais durante cinco semanas, num total de quinze horas/aula (15 horas/aula). Foram utilizadas, ainda, cinco horas de atividades *online*, utilizando o *Facebook* para interpretação e análise da obra.

3.3.1 Características da obra escolhida

Partindo da grade de análise estrutural de narrativas literárias de Ceccantini (2000), para desenvolver este estudo, analisei os campos: 1. Obra; 2. Ano da 1ª Edição; 3. Gênero; 4. Resumo da Ficção; 5. Organização da Narrativa; 6. Final da Narrativa; 7. Personagens Principais; 8. Personagens Secundárias; 9. Tempo

Histórico; 10. Duração de Ação; 11. Espaço Macro; 12. Espaço Micro; 13. Voz; 14. Foco Narrativo; 15. Linguagem; 16. Tema Central; 17. Temas Complementares; 18. Família; 19. Escola; 20. Ilustrações; 21. Prêmio Recebido.

Conforme Ceccantini (2000), a aplicação da grade pode evitar que uma avaliação impressionista se sobreponha à objetividade.

1. Obra

PEDROSA, Cyril. **Três Sombras**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

2. Ano da 1ª Edição

2011

3. Gênero

História em Quadrinhos

4. Resumo da Ficção

A obra *Três Sombras*, escrita por Cyril Pedrosa, um desenhista francês, consiste em uma história em quadrinhos moderna, que aborda a vida de uma família simples e pacata, o casal Louis e Lise e o filho Joachim os quais residem em uma casa localizada em um bosque tranquilo, onde desfrutam de paz e felicidade.

A serenidade da família sofre um abalo com o surgimento de três sombras, que se aproximam cada dia mais da casa. Esse fato desconhecido cria nos familiares sentimentos de medo e agonia.

Diante desse fato, a mãe de Joacquin procura Dona Pique (uma velha conhecida da família), que lhe revela que as sombras vieram buscar o menino. Há um sentimento de desespero e Louis resolve partir dali com o filho, no intuito de afastá-lo do mal que lhe estava premeditado.

Começam uma viagem, fugindo de algo desconhecido e, ao embarcar num navio, se deparam com pessoas de todo tipo, de solícitas a maldosas. Nesta jornada, os laços de pai e filho se estreitam e eles ficam mais próximos.

A história remete à perda e à morte, ao mesmo tempo em que traz aspectos de esperança e recomeço, por meio de uma linguagem metafórica, que possibilita várias análises sobre as prováveis sombras.

5. Organização da Narrativa

A narrativa é apresentada em forma de quadrinhos, trazendo o verbal e o não verbal de forma envolvente e com criatividade.

Predomina a ordem cronológica, utilizando a sequenciação dos acontecimentos narrados. Entretanto, o fluxo de consciência também é bastante explorado, trazendo fatos novos à história.

6. Final da Narrativa

Ao final da narrativa, com a morte de Joachim, Louis retorna para a casa e encontra Lise, passam-se os anos e o casal tem duas filhas.

7. Personagens Principais

Joachim – menino de aproximadamente 4 anos, alvo das sombras.

Lise – mãe de Joachim, mulher forte e corajosa, busca respostas com dona Pique, demonstra aceitação sobre a partida do filho.

Louis – pai de Joachim, homem grande e forte, não aceita o fato de as sombras terem vindo buscar o filho e resolve fugir com ele.

Três sombras – representam a morte.

8. Personagens Secundárias

Dona Pique – mulher que tem forte laço com Lise, faz trabalhos de ler cartas, consultas de búzios.

Vendedor de passagens do barco – homem frio e soberbo, só pensa em dinheiro.

Mulher e homem no barco – fazem amizade com Louis e Joachim, repartindo alimentos.

Índio – homem rude e cruel, que engana Louis, por meio de magia negra.

Irmãs de Joachim – meninas dóceis, que adoram explorar a floresta e brincar com o pai.

9. Tempo Histórico

O tempo cronológico ocorre na sequência dos fatos, mostrando a passagem do tempo nos dias e meses, desde o aparecimento das sombras, até a volta de

Louis para a casa. Também é mostrada a passagem do tempo com o aparecimento das irmãs de Joachim.

O tempo psicológico foi mostrado durante a leitura do diário pela personagem Lise e também no momento em que Louis tomado pelo desespero, entrega sua vida ao personagem Índio em troca da vida do filho. Ao final o pai de Joachim é ressuscitado pelas Três Sombras e retorna para a casa sem o menino.

10. Duração de Ação

Os fatos apresentados na narrativa duram cerca de um mês transcorrido desde o dia em que aparecem as sombras até a morte de Joachim; e oito anos, até o nascimento das irmãs de Joachim.

11. Espaço Macro

Lugarejo

12. Espaço Micro

Casa de Joachim, casa de Dona Pique, barco, casa do índio.

13. Voz narrativa

O narrador está situado fora da história, na sequência da história há equilíbrio entre o emprego do discurso direto, utilizado pelos personagens por meio dos balões e do discurso indireto, com ocorrências ocasionais pela voz do narrador.

14. Foco Narrativo

O narrador é onisciente, assim, demonstra que possui conhecimento sobre o universo interno e externo das personagens. Traz ao leitor, em diversos momentos, informações do passado das personagens.

15. Linguagem

A linguagem aproxima o contexto dos leitores. Os vários diálogos constantes na obra denotam verossimilhança em relação às personagens.

Ao longo da narrativa nota-se o emprego das abreviações que são justapostas à linguagem mais purista. Essas abreviações estão representadas, por exemplo, no emprego dos imperativos “vá”, “receba” e “volte”.

Há, ainda, mescla de gírias e o uso de coloquialismos diversos quanto à norma padrão da língua portuguesa.

Além disso, aparecem muitas marcas de oralidade, já que as histórias em quadrinhos apresentam a voz das personagens.

16. Tema Central

Morte de Joachim

17. Temas Complementares

Momentos de buscas, ansiedades e conflitos; indagações sobre a vida.

18. Família

A história em quadrinhos aborda uma boa relação familiar, pois, pai, mãe e filho vivem em harmonia e tranquilidade, até a chegada das Três Sombras, que gera conflitos e insegurança na família.

19. Escola/ Pedagogismos

Os pedagogismos não estão explícitos, porém os dramas das personagens em suas vivências positivas ou negativas possibilitam o trabalho sobre a vida em sociedade, atitudes morais e visão de mundo.

20. Ilustrações

As ilustrações da obra foram feitas pelo próprio autor, de forma muito criativa e interessante, utilizando elementos modernos dos quadrinhos, que permitem uma leitura prazerosa e inovadora.

21. Prêmio(s) Recebido(s).

A obra foi vencedora de dois prêmios no Festival de *Angoulême*, o mais importante evento de quadrinhos da França, com prestígio internacional,

destacando-se como autor de banda desenhada. A obra teve sua edição em português e também foi lançada em várias línguas.

3.3.2 Desenvolvimento do projeto de intervenção

O desenvolvimento do projeto de intervenção baseou-se no Método Criativo, proposto por Bordini e Aguiar (1989), o qual implica práticas de caráter artístico, à semelhança do trabalho com as histórias em quadrinhos, visando ao desenvolvimento de saberes e à transformação social.

Nesse método, há três fatores constituintes: o sujeito criador, o processo de criação e o contexto cultural e histórico. Ele desenvolve-se nas seguintes etapas: 1) constatação de uma carência; 2) coleta desordenada de dados; 3) elaboração interna dos dados; 4) constituição do projeto criador; 5) elaboração da matéria e 6) divulgação do trabalho.

O método criativo, conforme Bordini e Aguiar (1989), associa-se, usualmente, a práticas de caráter artístico, em específico, às histórias em quadrinhos, como um meio que proporciona a apropriação e a transformação social, com vistas ao conhecimento trabalhado de forma não exclusiva.

3.3.2.1 Etapas

a) Constatação de uma carência

Existem problemas em relação à leitura, contemplados no dia a dia da escola, isto é, os alunos não apresentam o hábito de ler, pois a maioria não gosta de ler e quando o fazem é apenas por obrigação.

b) Coleta desordenada de dados

Por meio de observações em sala de aula, constatou-se que os alunos gostam das HQ contidas nos livros didáticos. Ainda, consultando a bibliotecária, percebeu-se que os alunos realizavam empréstimos de obras nesse gênero. Para essa etapa do trabalho, foi utilizado um questionário cujas perguntas contemplaram

as preferências de leitura de um modo geral dos alunos e seus conhecimentos prévios sobre as HQ.

Os alunos demonstraram interesse pelas HQ, assinalando a opção dos quadrinhos, alguns escreveram nas observações que gostam de HQ porque a leitura não se torna cansativa, outros comentaram que as HQ tratam de vários assuntos do dia a dia, e ainda citaram que as HQ favorecem o entendimento da leitura.

c) Elaboração interna dos dados

Analisar as questões, por meio da observação.

d) Constituição do projeto criador

Aula 1

Apresentação da obra *Três Sombras*, de Cyril Pedrosa, levando os alunos a observarem somente a capa (impressa em tamanho maior, imagem 49) e indagá-los sobre o que seriam as três sombras. Logo após a discussão, eles deverão, de forma criativa, expressar suas ideias e pontos de vista, por meio de desenhos, poemas ou texto narrativo, produções que foram socializadas na sala de aula, em seguida.

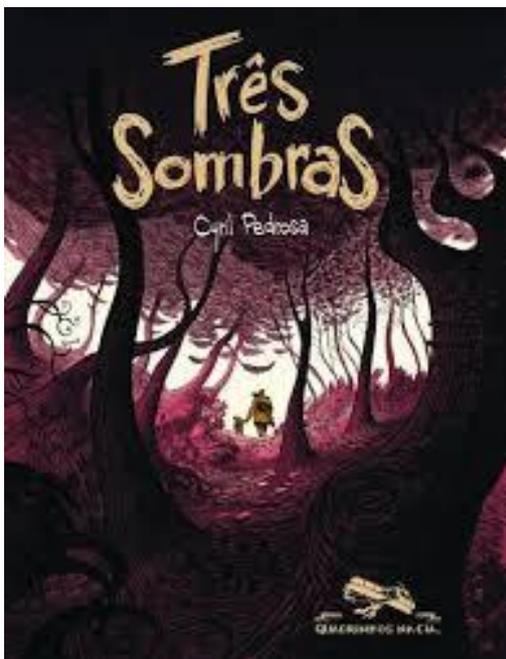


Figura 49: Capa do livro *Três Sombras*, de Cyril Pedrosa

Fonte: PEDROSA, 2011.

Aulas 2, 3, 4, 5 e 6

Para a leitura compartilhada e análise de *Três Sombras*, foram necessárias aproximadamente cinco aulas. A leitura foi feita com o auxílio do *data show*, sempre instigando os alunos, durante a leitura, sobre os possíveis sentidos implícitos, especialmente nos momentos onde há lacunas deixadas pelo autor. Durante as aulas, serão feitas as seguintes interpelações:

- Qual o tema da HQ?
- Quais os personagens?
- Em sua opinião, o que são as *Três Sombras*?
- Onde estão as falas dos personagens?
- Os balões são todos iguais? Por quê?
- Existem onomatopeias na obra?
- Como é o lugar onde os personagens vivem?
- Como é o relacionamento da família?
- Qual é o clímax da história?
- Qual é o desfecho?
- Como é a relação entre pai e filho?
- As *Três Sombras* são o que vocês imaginavam?

As partes lidas pela professora e pelos alunos serão disponibilizadas em formato PDF, numa página de *Facebook*, criada, especificamente, para a realização de comentários sobre a obra.

e) Elaboração da matéria

Aulas 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16 e 17

Durante o processo de criação, foram necessárias, aproximadamente, onze aulas.

É necessário utilizar o lúdico no relacionamento entre o leitor e a obra literária, com o intuito de estimular a imaginação e a criatividade do aluno. Nesse sentido, o trabalho com a ludicidade no sentido de estimular o desempenho perscrutador do aluno, como ressaltam Bordini e Aguiar (1988, p. 18) “a atividade lúdica mais ou menos complexa, na medida em que existem coisas a serem descobertas, relações a serem estabelecidas e funções a serem conhecidas”.

O professor, no seu papel de mediador de leitura, tem a oportunidade de estabelecer uma conexão entre o educando e o texto, desenvolvendo níveis de expectativa e proporcionando-lhe escolhas, conforme o conhecimento de mundo já adquirido.

Para Bordini e Aguiar (1993, p. 62), o método criativo “supõe uma relação do homem com o mundo, em que o alvo não é meramente o conhecimento do que existe, mas a exploração do existente para a produção de algo novo”. Conforme essas autoras, o método criativo visa aos seguintes objetivos:

- 1) Estabelecer relações significativas entre componentes do eu e do mundo, em especial da cultura literária.
- 2) Perceber potencialidades expressivas da literatura e de outros meios de comunicação em relação ao eu e ao mundo.
- 3) Organizar as relações estabelecidas, valendo-se de códigos culturais, em especial do código linguístico.
- 4) Materializar tais relações em linguagens diversas, com ênfase na verbal, produzindo textos bem formados. (BORDINI; AGUIAR, 1993, p. 66).

Pelo método criativo, há o diálogo entre o leitor e a obra cuja relação ocorre na aproximação ou distanciamento do texto com a realidade do espectador, isso, conforme o contexto social onde o aluno está inserido, promovendo-lhe participação e interação com a história lida.

Portanto, o aluno deixa de ser passivo e passa a atuar na criação literária de modo consciente e ativo. A esse respeito, Bordini e Aguiar (1989, p.71). esclarecem que o método criativo desenvolve diversas habilidades: “[...] analisar, comparar, combinar, classificar e ordenar, efetuar inferências e, principalmente, extrapolações, vinculando essas operações intelectuais à ação física e à prática social, nos produtos criados”.

O método criativo engloba aspectos criadores, contribuindo para o desenvolvimento do letramento literário do aluno leitor, no qual o professor, como mediador, envolve-se no processo de aquisição do saber. O docente deve considerar a realidade dos educandos, bem como os conhecimentos prévios trazidos por eles, para que, a partir desses saberes, possam tornar-se leitores autônomos e com capacidades de encontrar novos horizontes e efetuarem novas leituras.

Diante deste contexto, os alunos tiveram a oportunidade de criar, por meio da utilização de materiais diversificados (*biscuit*, maquete, livro 3 D, fantoches - vara, dedochê, saco de pão, rolinho de papel higiênico - fotos, vídeos).

A turma será dividida em grupos pequenos, formados de acordo com o material que será trabalhado. Cada grupo representará uma parte do livro de maneira criativa e lúdica.

- Utilização de *biscuit*
- Produção de textos
- Confecção de maquete
- Montagem de diálogos
- Confecção de livro 3 D
- Brincando com fantoches (vara, dedochê, saco de pão, rolinho de papel higiênico)
- Montagem de fotos e vídeos

Aula 18 – Análise dos comentários do *Facebook*

Durante o desenvolvimento do projeto de intervenção, paralelamente às atividades de sala de aula, os alunos tiveram a oportunidade de fazer a leitura e análise escrita da obra. Neste momento, foi feita a leitura e a análise dos comentários realizados no *Facebook* sobre a obra de Cyril Pedrosa: *Três Sombras*.

Aula 19 - Fechamento da análise da obra

Para o fechamento da leitura e análise da obra, foi realizado um seminário, em que todos os alunos poderão expor seus sentimentos e os pontos positivos e negativos em relação ao livro.

Aula 20 – Produção de uma HQ

Como atividade final da intervenção didático-pedagógica, os alunos produziram uma HQ, utilizando os elementos que compõem esse gênero, aprendidos durante a execução do projeto.

Os alunos criaram uma nova versão para a obra *Três Sombras*, imaginando outros assuntos que poderiam mudar a vida pacata de Louis, Lise e Joachim. O enredo foi criativo, introduzindo diálogos, definição de personagens, local, tempo.

Posteriormente, poderão compor em forma de desenho manual ou utilizar os programas de produção de HQ.

Aula 21 – Revisando as HQ

Após a elaboração das HQ, houve a troca dos trabalhos em quadrinhos entre os alunos, onde os colegas questionaram e fizeram sugestões, analisadas juntamente com a professora.

Aula 22 – Coletânea de HQ

As HQ foram encadernadas, configurando uma coletânea que reporta a diversos assuntos. Realizou-se, ainda, uma exposição dos materiais confeccionados durante a execução do projeto de intervenção, para que os alunos das outras turmas tivessem contato com a obra e possam incentivar sua leitura.

f) Divulgação do trabalho

Aula 23 – Exposição de materiais

Os materiais confeccionados durante a implementação do projeto foram colocados em exposição para que as outras turmas tenham acesso e possam ter curiosidade de ler a obra *Três Sombras*.

Aula 24 - Café Literário e encerramento

Os alunos tiveram um momento de entretenimento, no qual puderam compartilhar suas experiências literárias, instigando a leitura das obras pelos colegas, em um Café Literário.

3.4 Implementação do projeto

Durante a aula 1 apresentei a obra *Três Sombras*, de Cyril Pedrosa, mostrando somente a capa (Figura 49), em formato de pôster e solicitei aos alunos que observassem os detalhes da imagem, perguntando o que seriam as três sombras para eles, conforme figura 50.



Figura 50: Pôster da Obra *Três Sombras*, de Cyril Pedrosa

Fonte: Arquivo pessoal

Após a discussão, cada um expressou de forma criativa suas impressões diante da imagem apresentada; alguns fizeram desenhos, outros poemas e texto narrativo, sendo socializados com a turma, representada na figura 51.

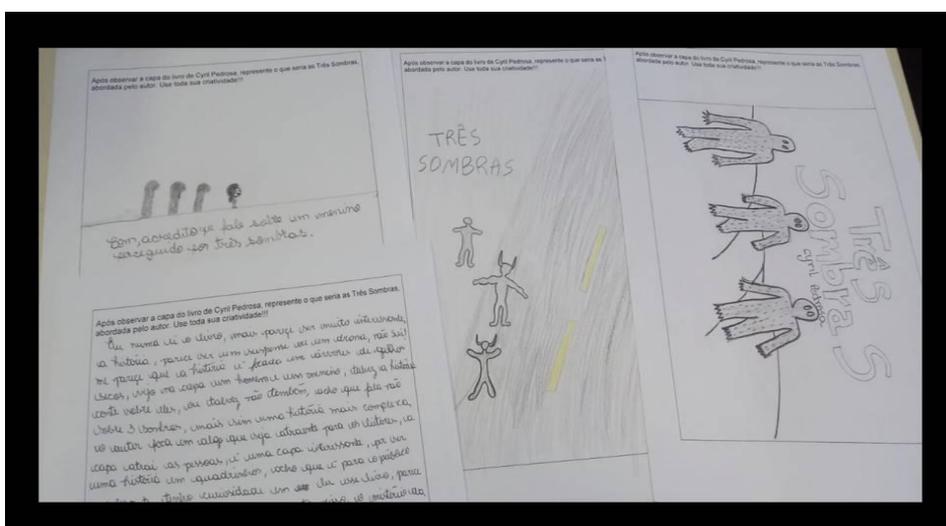


Figura 51: Exemplos de impressões sobre a obra *Três Sombras*

Fonte: Arquivo pessoal

Na aula 2, previamente à realização da leitura dessa HQ, a turma foi conduzida à sala de vídeo do colégio e lá foi realizada uma apresentação da biografia do autor, como aspectos da vida e obras do escritor.

Nas aulas 3, 4, 5 e 6, realizamos a leitura compartilhada e análise da obra *Três Sombras*, na sala de vídeo com o auxílio da mídia *data show*. Nos intervalos da

leitura fiz algumas perguntas aos alunos, tentando preencher as lacunas deixadas pela HQ apresentada.

Durante as aulas, foram feitas as seguintes interpelações:

- Qual o tema da HQ?

Aluno 2: *"Abandono"*.

Aluno 13: *"Roubo"*.

Aluno 20: *"Morte"*.

- Quais os personagens?

Todos os alunos da turma: *"Joachim, Louis, Lise, Dona Pique, Trapaceador, Índio, Três Sombras e as duas filhas do casal"*.

- Em sua opinião, o que são as *Três Sombras*?

Aluno 5: *"Cavaleiros que passavam pelo vilarejo"*.

Aluno 18: *"Ladrões que vieram tomar as terras"*.

Aluno 30: *"Imaginação de Joachim"*.

- Onde estão as falas dos personagens?

Todos os alunos da turma: *"Balões"*

- Os balões são todos iguais? Por quê?

Aluno 1: *"Diferentes, cada um tem uma função"*.

Aluno 17: *"Depende do objetivo do escritor na fala do personagem"*.

Aluno 29: *"Mudam conforme a história"*.

- Existem onomatopeias na obra?

Aluno 4: *"Sim, do mugido da vaca"*.

Aluno 15: *"Batida na porta"*.

Aluno 22: *"Latido do cachorro"*.

- Como é o lugar onde os personagens vivem?

Aluno 7: *"Igual um sítio"*.

Aluno 12: *“No meio da floresta”*.

Aluno 25: *“Lindo, calmo e tranquilo até a chegada das Três Sombras. Depois as coisas se tornam turbulentas e confusas”*.

- Como é o relacionamento da família?

Aluno 3: *“Pai, mãe e filho em harmonia”*.

Aluno 16: *“Havia diálogo entre eles”*.

Aluno 21: *“Comportamento exemplar, mas com a chegada das Três Sombras o comportamento se torna conflituoso. Lise foi contra as ordens do marido para não procurar Dona Pique. Louis parte com o filho sem o consentimento da esposa”*.

- Qual é o clímax da história?

Todos os alunos da turma: *“Aparecimento das Três Sombras”*.

- Qual é o desfecho?

Todos os alunos da turma: *“A morte de Joachim”*.

- Como é a relação entre pai e filho?

Aluno 4: *“Amigável, mas depois da viagem ficaram mais próximos, viveram momentos inesquecíveis”*.

Aluno 11: *“Muito boa, o pai brincava com o filho”*.

Aluno 26: *“O pai cobrava obediência e o filho obedecia”*.

- As *Três Sombras* são o que vocês imaginavam?

Aluno 1: *“Não, jamais imaginei”*.

Aluno 19: *“Não tinha ideia que seria a morte, fiquei impressionada”*.

Aluno 24: *“Não, imaginei várias coisas, menos que seria a morte”*.

Os alunos participaram ativamente da leitura compartilhada, figura 52, respondendo aos questionamentos, dando sua versão aos fatos, conforme a vivência de cada um. Este momento foi muito importante para que os estudantes tivessem melhor entrosamento com a obra, buscando entendê-la em sua complexidade.



Figura 52: Leitura compartilhada

Fonte: Arquivo Pessoal

Na aula 7, em sala de aula, os alunos produziram um texto retratando a obra de Cyril Pedrosa, transformando a História em Quadrinhos em um texto narrativo, que contemplasse todo o enredo da história. A professora, como escriba, unificou as produções num texto coletivo. Nesta atividade, os alunos participaram efetivamente da construção do texto, compartilharam suas ideias e reviram os detalhes da obra, dando um toque especial à reescrita da obra.

Numa casa na colina, no meio da floresta, vivia uma família tranquila e sossegada.

Louis, Lise e Joachim passavam seus dias de maneira simples e divertida.

Gostavam de brincar no rio e fazer piquenique.

Certo dia Joachim avista da janela de seu quarto, três sombras no alto da colina.

Os três ficam olhando pela janela, tentando descobrir o que seria aquilo.

Louis afirma que devem ser cavaleiros que estariam de passagem.

Mas as sombras continuaram aparecendo por vários dias, e cada vez mais se aproximam mais da casa da família.

Quando Louis decide perguntar o que queriam, eles desapareceram.

Os dias já não eram os mesmos, sentiam medo a todo momento.

Então, Lise resolve conversar dona Pique, que vivia no vilarejo, buscando saber o que “elas” queriam.

Dona Pique informa a mãe de Joachim, que as sombras vieram buscar o menino.

Quando retorna, a mulher conta ao marido o que a macumbeira lhe informou.

Louis não aceita e diz que não entregaria o filho, iria lutar, fugir com Joachim.

O homem, com bastante pressa, arruma uma bolsa com mantimentos e parte com o menino nos braços.

Quando o filho acorda, eles já estão longe da casa.

O pai explica que irão conhecer o lugar onde seus avós moravam.

Os dois continuam a viagem, até que chegam ao grande rio, que teriam que atravessar de barco.

Com muita dificuldade, Louis consegue comprar os passes, e os dois entram na embarcação.

Durante a travessia ocorre uma grande tempestade, Joachim vê as Três Sombras, sente muito medo e abraça seu pai.

Com o barco destruído pela tempestade, Louis abraçado com Joachim, pula no rio para fugir das sombras.

Os dois ficam desacordados, e são salvos por um índio.

Quando Louis acorda, comenta com aquele homem que está muito preocupado com o filho, e que daria a vida pelo garoto.

O velho faz uma proposta ao pai de Joachim, prometendo que o menino ficará em segurança, ele aceita.

Usando magia negra, o homem se apossa da vida de Louis.

O marido de Lise fica desacordado, enquanto Joachim fica sem saber o que fazer.

Logo as Três Sombras aparecem e perguntam para o menino se ele está pronto para acompanhá-los.

Joachim responde que sim, mas não pode deixar o pai naquela situação.

A mulher, toda carinhosa, fala que a hora de Louis ainda não chegou e o ajudarão.

As sombras partem ao encontro do velho trapaceiro, que roubou a vida de Louis.

Quando o encontram, cobram a vida do pai de Joachim, dizendo que não se pode roubar a vida de ninguém e por isso terá a eternidade para pagar o preço.

Após recuperar a vida roubada, as sombras entregam-na a Joachim para devolvê-la a Louis.

O garoto devolve o sopro do coração a seu pai e com grande tristeza, se despede.

Quando Louis acorda, não encontra Joachim.

Tem somente uma vaga lembrança.

Volta para a casa com um vazio muito grande, mas com o impulso de rever Lise.

Os dois tem um encontro emocionante.

Algum tempo depois, o casal tem duas filhas, e continuam suas vidas de forma simples e tranquila. (TEXTO COLETIVO/ ARQUIVO PESSOAL)

A aula 8 e 9 iniciamos o processo de criação, num momento de criatividade e produção, os alunos utilizaram *biscuit* para representar os personagens. Neste momento eles precisaram ler a história novamente, analisando os personagens, para em seguida fazê-los em miniatura. Foi um momento de surpresa para os

estudantes, pois nunca tiveram acesso a massa de *biscuit*, inicialmente houve alvoroço, comentaram:

Aluno 7: *“É muito difícil, não vou conseguir fazer”*.

Aluno 14: *“Vixi! Nem sei por onde começar”*.

Aluno 21: *“Não tenho ideia de como construir um personagem em miniatura”*.

Porém, após algumas trocas de ideias entre os educandos, vendo o colega fazer seu personagem e imaginando como poderia ser o seu, o processo se tornou muito divertido e produtivo, começaram a surgir várias ideias e possibilidades.

Aluno 9: *“Gostei muito desta atividade, desenvolveu habilidades criativas e trabalhou com a imaginação”*.

Aluno 18: *“Dá bastante trabalho fazer um personagem em miniatura, são muitos detalhes, mas acaba sendo divertido”*.

Aluno 25: *“É gratificante ver o resultado da produção em biscuit, não imaginei que conseguiria”*.

Os alunos se envolveram muito na confecção das miniaturas, conforme figura 53, e utilizaram toda sua criatividade para representar os detalhes no momento da montagem dos personagens.



Figura 53: Mini esculturas de *biscuit*

Fonte: Arquivo Pessoal

Na sequência montamos uma maquete, dividindo a história em fases, primeiro, o período em que passavam os dias tranquilos, sem se preocupar com

nada; segundo, o momento que aparecem as Três Sombras, trazendo um conflito e desestabilizando a família; terceiro, quando Lise procura Dona Pique e descobre que as Sombras vieram buscar Joachim; quarto, momento em que Louis foge com o filho, embarcando numa viagem de barco, muito turbulenta e trágica; quinto, morte de Joachim, retorno de Louis, reencontro com Lise e reconstrução da família com duas filhas.

Nas aulas 10 e 11, utilizando o texto coletivo, cada dupla recebeu uma parte da história para ilustrar de forma criativa, fazendo personagens numa folha separada para dar o efeito em 3 D. Durante a realização da atividade, os alunos retomaram a leitura da obra *Três Sombras* várias vezes, buscando informações e inspirando-se nas imagens do livro para representarem sua versão dos fatos. Os alunos comentaram sobre a atividade:

Aluno 9: *“É muito difícil ler um trecho da obra e representar, tem que analisar, imaginar e criar o melhor desenho”*.

Aluno 18: *“A representação em forma de imagem é muito interessante, momento de expressar as ideias da dupla”*.

Aluno 25: *“Muito legal esta atividade em 3 D, nunca tinha feito e achei hilário”*.

Ao final, juntamos todas as páginas e montamos um livro 3D. Os alunos realizaram a leitura do trecho da história que teriam que representar e, com muita criatividade, ilustraram o texto, conforme exemplificado na figura 54.



Figura 54: Livro 3D

Fonte: Arquivo Pessoal

Na aula 12, em grupo, os discentes produziram um texto, conforme figura 55, imaginando algo que poderia ocorrer na atualidade, a partir dos possíveis motivos em *Três Sombras*. Os assuntos foram diversos: drogas, prostituição, tecnologia.

Aluno 6: *“Considero as drogas como Três Sombras, o vilão da sociedade atual”*.

Aluno 13: *“A prostituição pode ser vista como sombra, pois persegue os adolescentes e iludem sua mente”*.

Aluno 21: *“Em tempos tão modernos, acho que a tecnologia é uma sombra, porque é só celular, x-box, tablet e televisão, não há mais brincadeiras nas ruas, nem diálogo entre as pessoas, é tudo online”*.

Na aula 13, os estudantes passaram o texto narrativo da 3ª pessoa para 1ª pessoa, inserindo os diálogos dos personagens e nomeando-os.

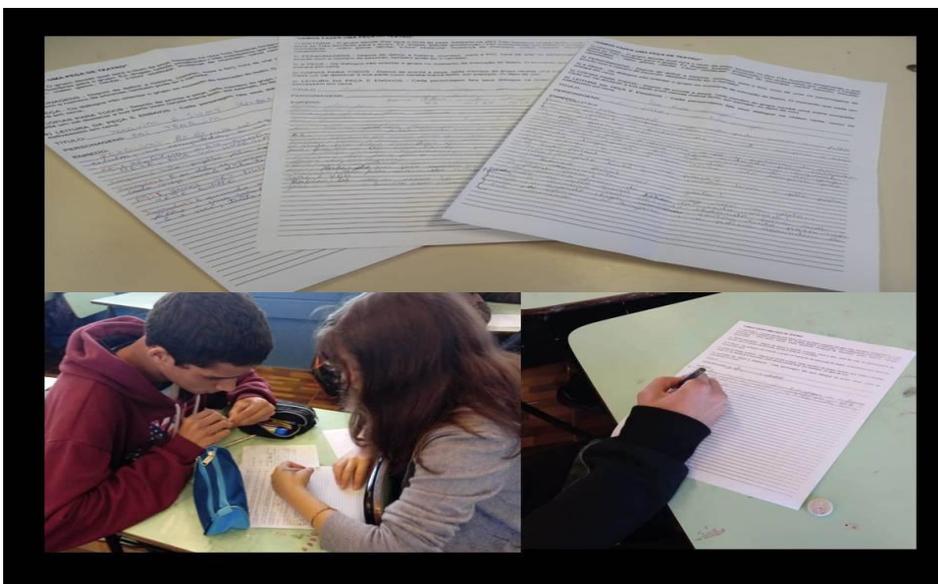


Figura 55: Produção de textos

Fonte: Arquivo Pessoal

Nas aulas 14 e 15, os alunos confeccionaram variados fantoches, de varetas, *dedoches* e de saco de pão, utilizando materiais diversificados (EVA, cola *gliter*, barbante, saco de pão, palitos de churrasco, tecido, rolinho de papel higiênico, etc.).

Aluno 2: *“É muito divertido criar um personagem fictício”*.

Aluno 11: *“Criar um personagem exige planejamento, seguir passo a passo”*.

Aluno 20: *“Muito legal criar um personagem”*.

Cada grupo escolheu o tipo de fantoche, conforme figuras 56 e 57, que gostaria de confeccionar. Em seguida, cada aluno criou seu personagem, utilizando os materiais disponíveis.



Figura 56: Confeccção de fantoches 1

Fonte: Arquivo Pessoal



Figura 57: Confeccção de fantoches 2

Fonte: Arquivo Pessoal

Na aula 16, em sala de aula montamos o biombo, confeccionado com a ajuda dos alunos, para a apresentação do teatro de fantoches, figura 58. As

apresentações foram realizadas para os colegas da turma, inicialmente estavam bastante tímidos, mas depois foram se soltando. Houve interação entre os grupos que apresentavam e a plateia, até mesmo citando nomes dos colegas. As apresentações configuraram uma nova versão sobre a obra *Três Sombras* e a participação dos estudantes demonstrou o envolvimento com a obra trabalhada.

Aluno 9: *“Gostei muito de apresentar o teatro com fantoches”*.

Aluno 18: *“Senti bastante vergonha, mas consegui apresentar”*.

Aluno 25: *“Foi muito interessante representar os personagens criados pela gente”*.



Figura 58: Apresentação de teatro

Fonte: Arquivo Pessoal

Na aula 17, na sala de multimídias, produzimos um vídeo, figura 59. Nesse momento, os alunos tiveram a ideia de filmar os personagens feitos de *biscuit* para transmitir o enredo, com a voz do narrador ao fundo. Conforme citado anteriormente, o texto coletivo sobre a HQ *Três Sombras*, foi dividida em 4 partes, cada grupo ficou responsável por narrar uma parte, enquanto outro aluno filmava os personagens em miniatura, feito de *biscuit*.

Aluno 1: *“Foi muito interessante fazer o papel de narrador”*.

Aluno 13: *“Percebi a diferença de representar o personagem e agora também o narrador”*.

Aluno 22: *“O vídeo ficou bem legal, gostei de fazer a voz do narrador”*.



Figura 59: Produção de vídeo

Fonte: Arquivo Pessoal

Na aula 18, na sala de multimídias, produzimos outro vídeo, agora utilizando o livro 3 D, em cada parte da história os alunos faziam o papel de narrador, lendo pausadamente enquanto outro aluno filmava os desenhos e o efeito em 3 D, produzidos pela turma.

Aluno 8: *“Muito legal narrar uma história, temos que transmitir emoções, criar suspense, entreter o expectador”.*

Aluno 15: *“Como deu trabalho produzir o vídeo, tem que ter muita concentração, treinar a leitura com entonação correta, enfim, planejar o que será feito”.*

Aluno 27: *“Ver o vídeo montado foi surpreendente, cada detalhe pensado, cada fala, muito legal”.*

As fotos e os vídeos dos materiais produzidos em sala de aula (livro 3 D, HQ, miniaturas de biscoito, fantoches e narração dos vídeos) foram disponibilizados no *Facebook*, numa página intitulada *Três Sombras*, com participação dos alunos da turma do 9º ano do Colégio Estadual Jardim Alegre. Nesta página, os alunos tiveram a oportunidade de curtir, compartilhar e comentar sobre as atividades realizadas.

Na aula 19, na sala de informática, navegamos pela página criada no *Facebook*, figura 60. Os alunos curtiram as publicações, fizeram comentários e

leram os comentários dos colegas. Também assistimos aos vídeos disponibilizados na página para atingir àqueles que não tem conta na rede social.

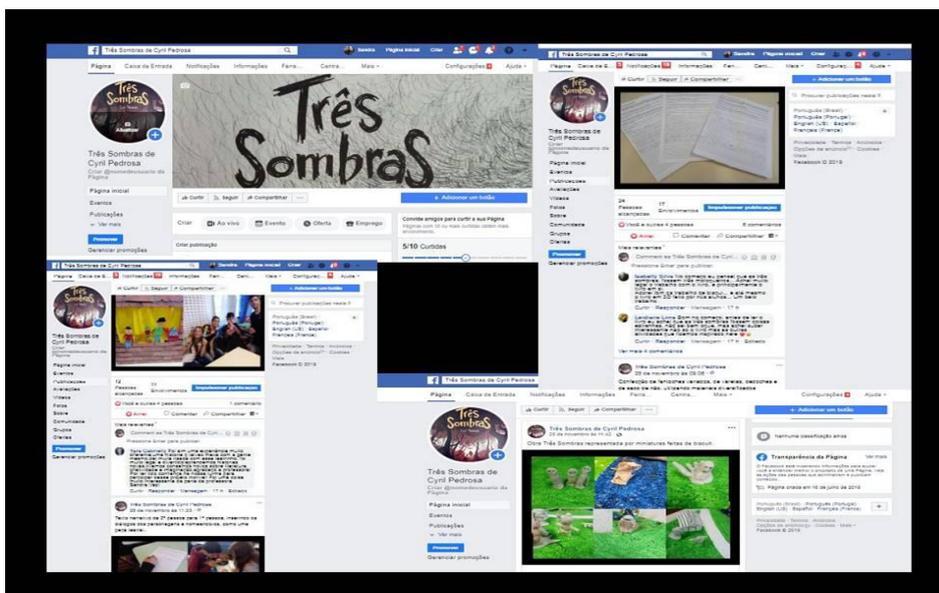


Figura 60: Página do Facebook

Fonte: Arquivo Pessoal

Os comentários deixados na página do facebook dos alunos foram positivos em relação ao desenvolvimento do projeto, citando que foi divertido, uma experiência incrível, que o trabalho em grupo foi fundamental, que houve incentivo à criatividade e à leitura, entre outros. Comentários dos alunos:

Aluno 1: *“Amei fazer esse trabalho, ficou lindo!”*

Aluno 4: *“Ficou muito legal o trabalho de todos os aluno envolvidos!”*

Aluno 6: *“Foi uma experiência muito diferente, uma historia que talvez mexa com a gente mesmo, dei muita risada com o teatrinho, foi muito legal e divertido!”*

Aluno 9: *“Aprendemos coisas novas, tivemos conselhos novos sobre literatura, criatividade e imaginação, agradeço a professora! Por ter tido confiança na nossa turma para participar desse projeto incrível! Foi uma coisa muito interessante da parte da professora Sandra Vaz!”*

Aluno 12: *“Foi muito importante a realização deste projeto, fizemos a leitura de uma obra extraordinária, no inicio pensei que as Três Sombras fossem três pessoas que ao invés de aparecerem no livro apareciam somente as sombras delas. Depois da leitura do livro que descobri o que eram e o que queriam. Confesso*

que trouxe momentos de grande reflexão, pois muitas vezes não valorizamos nossa família, nossa vida, refleti muito!”

Aluno 20: “Gostei muito do desenvolvimento do projeto, foi muito interessante montar os diálogos para os personagens, tivemos que pensar nas falas de cada um, introduzir onomatopeias e sentimentos”.

Aluno 24: “No começo pensei que as três sombras fossem três motoqueiros... Achei muito legal o trabalho com o livro, e principalmente o livro em si.

Aluno 29: “Adorei também os trabalho de biscuit... e ainda o livro em 3D feito por nós... Um belo trabalho!”.

Aluno 30: “ Bom eu imaginei que às três sombras poderiam ser coisas sombrias, coisas que afetassem às pessoas, como drogas, violência essas coisas ruins. Mas depois da leitura, ao descobrir que o tema da HQ era a morte, fiquei pensativa, refletindo sobre a vida e a morte. A leitura desta obra me fez entender melhor a partida da minha vó, para mim trouxe grande significação, despertou meu interesse por livros que nem imaginava, estou procurando outras obras desse perfil”.

Aluno 32: “O trabalho com a obra Três Sombras trouxe a reflexão sobre o modo de viver a vida, a importância de aproveitar cada momento. Mas também comecei a analisar como um livro pode ajudar a compreender fatos que ocorrem no dia a dia. Por meio do projeto busquei outras obras e estou adorando ler a leitura é algo fascinante”.

Na aula 20 realizamos um seminário, conforme figura 61, sobre o desenvolvimento do projeto de implementação. Os alunos tiveram a oportunidade de expor suas opiniões em relação às atividades propostas e, ainda, sobre a obra analisada. Comentários dos alunos:

Aluno 3: “O trabalho com a obra Três Sombras foi incrível, gostei muito da leitura compartilhada, mas também realizei a leitura individual para obter mais informações e compreender melhor a HQ”

Aluno 6: “Esse projeto foi uma das coisas mais legal que eu já participe, o livro das três sombras é muito interessante, o mais legal é que as três sombras não era algo específico, as três sombras quem decide quem elas são é o leitor vem da nossa imaginação, realmente muito legal, a história é incrível, pena que o Joaquim tem que ir embora, mas adorei”.

Aluno 10: *“Por meio das atividades realizadas envolvendo a obra Três Sombras, tive a oportunidade de aprender mais sobre os elementos que compõe as HQ, conseguindo interpretar melhor os quadrinhos”.*

Aluno 13: *“Eu achei o livro muito interessante, com muitos mistérios e suspense, algo que eu gosto muito e me chama atenção na leitura. No início achei que as sombras eram do mal, mais conforme fui lendo fui descobrindo... Enfim recomendo a todos o livro, achei muito bom e interessante! Foi algo muito bom! Gostei da participação na construção do livro 3 D”.*

Aluno 16: *“Com a leitura da obra Três Sombras consegui entender a morte da minha vó, antes não aceitava, tinha dificuldades em lidar com a partida dela, mas a história de Joachim, Louis e Lise, percebi que tudo segue um ciclo”.*

Aluno 22: *“No começo achei muito chato, achava que ler é muito cansativo, mas com o desenvolvimento das atividades comecei a gostar da história, um dia faltei aula e senti a necessidade de pegar o livro para ler, buscando entender e compreender a obra”.*

Aluno 28: *“Gostei muito do trabalho realizado, foi diferente e divertido, principalmente as miniaturas de biscuit”.*

Aluno 31: *“O projeto foi muito interessante, com a leitura da obra Três Sombras percebi que nos quadrinhos existem muitas coisas a serem interpretadas, fazendo com que a gente participe da história. Adorei!”*



Figura 61: Seminário

Fonte: Arquivo Pessoal

Na aula 21 os alunos produziram HQ sobre diversos temas: drogas, preconceito, consciência negra, sustentabilidade, amizade, futuro acadêmico, diversidade. Em duplas, escolheram um tema para produzir uma HQ, com desenhos e balões criativos.

Aluno 10: *“Muito interessante desenhar os personagens e fazer as falas nos balões”*

Aluno 17: *“Fazer os desenhos e pensar nas falas é algo que exige planejamento e concentração”.*

Aluno 29: *“Eu e meu amigo fizemos uma HQ sobre as drogas, pois é um assunto muito marcante entre os adolescentes”*

Na aula 22 fizemos a revisão das HQ em conjunto e trocamos as produções entre os alunos, para opinarem e melhorarem o trabalho. Cada dupla pode ler e analisar as HQ produzidas pela turma davam sua opinião e ideias sobre os desenhos e balões, mostravam algum erro ortográfico, buscando melhorar a produção dos colegas.

Na aula 23 elaboramos uma coletânea das Histórias em Quadrinhos produzidas pelos alunos. Juntamos as HQ produzidas e reunimos todas numa coletânea.

Aluno 4: *“A elaboração da coletânea de HQ foi muito interessante, por ser de vários assuntos ficou ainda mais legal”.*

Aluno 11: *“Gostei muito de produzir a HQ para compor uma coletânea da nossa turma”.*

Aluno 30: *“Ao montarmos a coletânea aprendi que o trabalho coletivo faz toda diferença, porque ficou muito bonito”.*

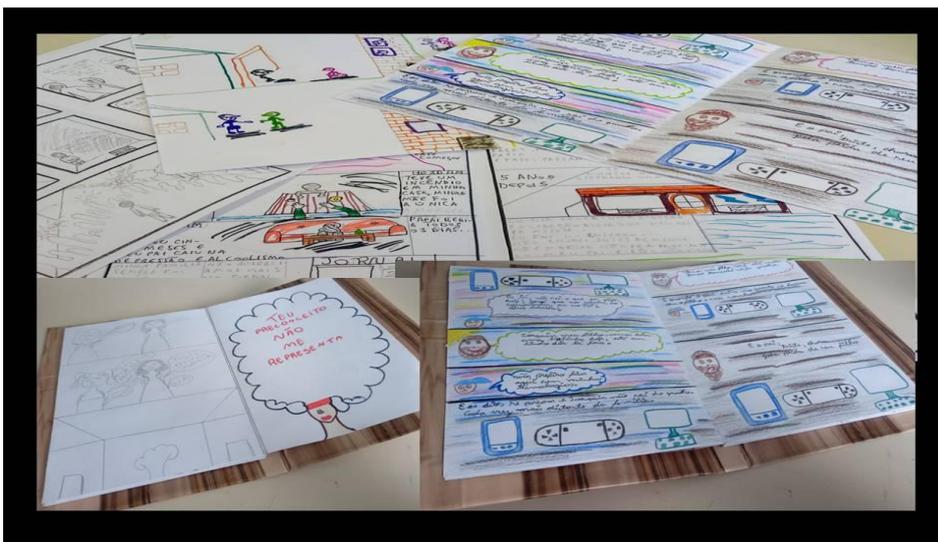


Figura 62: Coletânea de HQ

Fonte: Arquivo Pessoal

Na aula 24 realizamos a exposição dos materiais confeccionados, figuras 62 e 63, pelos alunos (livro 3 D, coletânea de HQ, fantoches e miniaturas em biscuit), colocamos os materiais no pátio do colégio para que os alunos das outras turmas tivessem acesso ao material elaborado pelo 9º Ano. Durante a 4ª e 5ª aula os alunos do 6º, 7º e 8º anos, juntamente com a professora que estava com a turma vieram até o pátio visualizar a exposição.

Aluno 8: *“Pela exposição percebi o quanto nosso trabalho ficou interessante, comecei a dar mais valor nas atividades feitas em sala de aula”.*

Aluno 13: *“Fiquei super orgulhosa de ver os trabalhos da nossa turma em exposição. Gostei muito!”*

Aluno 20: *“Os alunos das outras turmas ficaram admirados com nosso trabalho, muitos disseram que iriam procurar o livro para ler. Percebi que pela exposição houve influência no ato de ler”.*



Figura 63: Exposição dos materiais

Fonte: Arquivo pessoal

Na aula 25 houve o Café Literário, conforme figura 64, realizado na sala de aula, onde aconteceram as trocas das experiências literárias. Foi um momento interessante quando os alunos compartilharam as obras que já leram, instigando a curiosidade dos colegas.

Aluno 5: *“No café literário minhas colegas indicaram obras bem legais, como: Dias Perfeitos; O Mundo De Sofia; O Caçador De Pipas; A Saga de Harry Potter; A Menina Que Roubava Livros; Maus — A História de Um Sobrevivente; A Droga da Obediência; A Marca de uma Lágrima”.*

Aluno 18: *“Gostei de participar do café literário, foi um momento interessante para trocar experiências e falarmos dos livros que gostamos. Depois do projeto li a obra ‘Dom Casmurro’ em quadrinhos, achei muito interessante, comecei a dar valor no potencial das HQ”.*

Aluno 26: *“Durante o café literário, vários colegas citando obras que já leram e que gostariam de ler, percebi a importância da leitura para melhorarmos nossa aprendizagem e ficar bem informados”.*



Figura 64: Café literário

Fonte: Arquivo pessoal

O desenvolvimento do trabalho com a HQ *Três Sombras* oportunizou aos alunos momentos diferentes, ascendendo a curiosidade sobre os assuntos abordados, aprendendo os conteúdos de forma dinâmica e criativa, com envolvimento de todos nas atividades realizada.

As propostas de atividades favoreceram aos alunos ir em direção da descoberta, com a possibilidade de criação e construção do conhecimento, conseguindo ultrapassar as dificuldades apresentadas, para que ao final da leitura e análise da obra *Três Sombras* o resultado fosse positivo e válido.

Na leitura compartilhada houve a oportunidade de explorar com os alunos as possibilidades interpretativas e os simbolismos da HQ analisada, e ao atribuir sentido à obra reconheceram a importância da observação, análise e reflexão mais aprofundada do que se lê.

A realização das atividades envolvendo a obra analisada trouxe a experiência de produção textual, impressões, reações e sentimentos em relação a leitura da HQ, permitindo um diálogo entre a história e a realidade vivida pelos estudantes.

Com a utilização do método criativo os educandos tiveram a possibilidade de realizar atividades de leitura diferente daquelas que estavam habituados, com preenchimento de ficha de leitura, produção de respostas a questionários e/ ou de resumos pós-leitura. Assim, foi oportunizado a expressão de suas vozes diante da obra analisada, com a liberdade de manifestar-se por meio da arte criativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho realizado a partir das Histórias em Quadrinhos, especificamente a obra *Três Sombras*, de Cyril Pedrosa, trouxe a oportunidade de mergulhar no mundo dos requadros, em busca da formação do aluno leitor.

Formar leitores é um desafio muito grande, e nem sempre o professor consegue despertar o gosto pela leitura tão facilmente; é necessário planejamento, empenho, organização das aulas e metodologia diversificada.

Com isso, as atividades desenvolvidas com a História em Quadrinhos permitiram uma renovação do material didático utilizado na transmissão de novos saberes, levando os alunos a terem mais interesse nas aulas, com participação ativa e reflexiva, colaborando com o desenvolvimento de habilidades e competências essenciais à formação do indivíduo, conseguindo perceber sua realidade e sendo atuante como um cidadão crítico.

Com a efetivação desse trabalho diversificado, os alunos tiveram a oportunidade de desenvolver as habilidades de leitura, conseguindo compreender melhor o que estão lendo ou escrevendo e, ainda, os elementos não verbais, tão presentes nas HQ.

Com a utilização desse gênero, os alunos adquiriram o conhecimento de variedades linguísticas, caracterização de personagens, elementos que compõem os quadrinhos, figuras de linguagem, sequências narrativas, temas variados que fazem parte da convivência dos educandos e recursos de representação e interação do verbal e do imagético.

Por meio da pesquisa, foi possível perceber que a utilização das HQ nas instituições escolares ocorreu de forma lenta e somente após várias pesquisas comprovando seu benefício é que foram incluídas em livros didáticos e programas de leitura nas escolas.

Convém destacar que os objetivos da pesquisa foram atingidos, pois se pode afirmar que as HQ, ao utilizar fatos da atualidade, despertam o interesse pela leitura e desenvolve o senso crítico dos educandos.

Enquanto professora de língua portuguesa, observei que o hábito de leitura ainda continua sendo o ponto fraco dos alunos, sendo necessário utilizar estratégias

didáticas que possam atuar de forma significativa no processo de ensino e aprendizagem.

Com o trabalho desenvolvido com a turma do 9º Ano, percebi o envolvimento dos alunos nas atividades propostas, porque demonstraram interesse pela leitura da obra trabalhada e utilizaram a criatividade nos trabalhos realizados de forma prazerosa e divertida.

O método criativo utilizado na implementação do projeto, torna as aulas mais práticas, dinâmicas e agradáveis, tendo como foco a utilização da criatividade no processo de produção do conhecimento.

Com certeza, o trabalho implementado trouxe mais sabor à prática leitora. Os alunos participaram ativamente das aulas com muito interesse, assim, posso dizer que colaborou muito com a formação de alunos leitores, indo além das expectativas esperadas, pois o intuito foi a investigação se as HQ despertavam o interesse pela leitura; e o trabalho não só aguçou o desejo pelo ato de ler, como também desenvolveu a criatividade, a colaboração de grupo, a troca de experiências e sobretudo, colaborou na construção do conhecimento de forma prazerosa e divertida.

Dessa forma, fica claro que a aplicação do método criativo em sala de aula oportunizou aos alunos novas experiências literárias de forma progressiva e inovadora, contribuindo para sua formação leitora.

Com o trabalho direcionado às HQ, os alunos tiveram contato com o mundo lúdico, imaginário e mágico da leitura, envolvendo-se com a obra trabalhada, por meio de temas vinculados à realidade, como família e morte, dentre outros. Assim, a partir de suas cosmovisões, os discentes puderam atribuir significados à leitura.

Ler HQ é viajar por um universo vasto, capaz de seduzir os educandos, ao conhecerem as estruturas que compõem este gênero multimodal, como os quadros, balões, onomatopeias, legendas, metáforas visuais, entre outros. Diante de tais saberes, os alunos tornaram-se aptos a lerem nas entrelinhas os espaços que o autor deixou para o leitor preencher.

As HQ em sala de aula são ferramentas didáticas que colaboram com o desenvolvimento pleno do educando, favorecendo o exercício da criatividade de forma envolvente e divertida e integrando elementos verbais e não verbais a diversos conteúdos.

Durante as atividades, a mediação da professora foi essencial, para que o processo de leitura não fosse mera decodificação de informações; antes, possibilitou que os momentos de criação levassem ao crescimento dos alunos, tornando-os mais autônomos e críticos.

O trabalho com HQ proporcionou momentos de leituras diversificadas, individual, compartilhada, silenciosa, em voz alta, para que os alunos pudessem construir e reconstruir sentidos ao que está lendo, com interação e troca de experiências, ampliando os horizontes de expectativas.

A realização da pesquisa sobre as HQ, bem como a análise da obra *Três Sombras*, de Cyril Pedrosa, permitiu-me um crescimento pessoal, acadêmico e profissional, pela importância da pesquisa como formação continuada e de aperfeiçoamento da práxis docente. Adquiri muitos conhecimentos relacionados aos quadrinhos e aprendi como utilizar este material em sala de aula, conforme as necessidades dos educandos.

REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. **Leitura, história e história da leitura**. Campinas: Mercado de Letras, 2000.

AGUIAR, Vera Teixeira; BORDINI, Maria da Glória. **Literatura: a formação do leitor (alternativas metodológicas)**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1989.

AGUIAR, Rodrigo Simas. **Arte rupestre: conceitos introdutórios**. 2012. Disponível em: <http://www.do.ufgd.edu.br/rodrigoaguiar/arterupestre.pdf>. Acesso em: 20 de jul. de 2019.

AKILATA. **Elementos dos Quadrinhos**. Disponível em: <http://www.lataco.com.br/zipzapzup/downloads/elementosdoquadrinho.pdf>. Acesso em 02 de Novembro de 2018.

ALMEIDA, Fernando A. de. **História em Quadrinhos: analogia e codificação na linguagem icônica**. Rio de Janeiro: Anais do VI Congresso da ASSEL-Rio, 1997.

AZEVEDO, F. **A cultura brasileira**. São Paulo: Melhoramentos, 1971.

BRASIL, Ministério da Educação e Desporto. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa – 5ª a 8ª Séries**. Brasília, 1998.

CAGNIN, Antonio Luis. **Os quadrinhos**. São Paulo: Ática, 1975.

CALAZANS, Flávio. **História em quadrinhos na escola**. São Paulo: Paulus, 2004.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: _____. **Vários Escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CÂNFORA, Luciano. **A biblioteca desaparecida: histórias da biblioteca de Alexandria**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

CARVALHO, DJota. **A educação está no gibi.** Campinas: Papyrus, 2006.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador.** São Paulo: UNESP, 1998.

CIRNE, Moacyr. **BUM!** A explosão criativa dos quadrinhos. Petrópolis: Vozes, 1970.

CORACINI, Maria José. **O discurso da linguística aplicada e a questão da identidade:** entre a modernidade e a pós-modernidade. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário:** teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2014.

COSTA, Ricardo da. **Breve história da Tapeçaria de Bayeux.** Revista de História das Faculdades Integradas de Cataguases. Cataguases: FIC/FUNCEF, Ano 1, nº 1, 2009, p. 11-20 (ISSN 2176-3992).

EISNER, Will. **Quadrinhos e arte sequencial.** São Paulo: Martins Fontes, 1989.

ENCYCLOPEDIA BRITANNIA DO BRASIL. **O mundo da arte.** São Paulo, 1979.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados, 1989.

GAIARSA, José. Desde a Pré-História até McLuhan. In: MOYA, A. **Shazam.** São Paulo: Perspectiva, 1977.

GERALDI, João Wanderlei. **O texto na sala de aula.** São Paulo: Ática, 2006.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GOIDA, Hiron Cardoso. **Enciclopédia dos quadrinhos.** Porto Alegre: L&PM, 1990.

GOMBRICH, E. H. **A História da Arte** (Traduzido por Álvaro Cabral). 16. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1999.

IANNONE, Leila Rentroia. IANNONE, Roberto Antonio. **O mundo das histórias em quadrinhos**. São Paulo: Moderna, 1994.

INCONTRI, Dora. **Pestolozzi: Educação e Ética**. São Paulo: Scipione, 1997.

JORNAL A BIGORNA. **Pesquisa Retratos da Leitura**. Disponível em: <http://jornalabigorna.com.br/page/noticia/44-da-populacao-brasileira-nao-le-e-30-nunca-comprou-um-livro-aponta-pesquisa-retratos-da-leitura>. Acesso em: 29 jul. 2018.

JUNIOR, Gonçalo. **A guerra dos gibis**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

KLEIMAN, Ângela. **Leitura: Ensino e pesquisa**. Campinas, São Paulo: Pontes, 1997.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 1993.

LOVETRO, José Alberto. Origens das histórias em quadrinhos. In: MENDONÇA, Rosa Helena (Supervisora). **História em quadrinhos: um recurso de aprendizagem**. TV Escola/Salto para o futuro. Ano XXI Boletim 01 – Abril 2011.

LUYTEN, Sonia Maria Bibe. **O que é história em quadrinhos**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

MCCLOUD, Scott. **Desvendando os quadrinhos**. São Paulo: Makron Books, 2005.

MENDONÇA, Márcia Rodrigues de Souza. Um gênero quadro a quadro: a história em quadrinhos. In: DIONÍSIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA,

Maria Auxiliadora (Org). **Gêneros textuais & ensino**. 5. ed. Rio de Janeiro: Lucena, 2007.

MENEGASSI, Renilson José. **Leitura e ensino**. Maringá: EDUEM, 2010, (Formação de Professores - EAD; v.19).

MOYA, Álvaro de. **História da história em quadrinhos**. Porto Alegre L&PM, 1994.

PATATI, Carlos; BRAGA, Flávio. **Almanaque dos quadrinhos**. São Paulo: Ediouro, 2006.

PEDROSA, Cyril. **Três Sombras**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

RAMOS, Paulo. **A leitura dos quadrinhos** - São Paulo: Martins Fontes, 2012.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Leitura na Escola e na Biblioteca**. Campinas, SP: Papyrus, 1986.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. Porto Alegre, RS: Artmed, 1998.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-Ação**. Porto Alegre: Editora Cortez, 2005.

TURMA DA MÔNICA. **Chico Bento**. São Paulo: Panini Brasil, nº 32, ago. 2009.

VERGUEIRO, Waldomiro; RAMA, Ângela. (Org.). **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2005.

VERGUEIRO, Waldomiro; RAMOS, Paulo (Org.). **Quadrinhos na Educação: da rejeição à prática**. São Paulo: Contexto, 2015.

ZILBERMANN, Regina; SILVA, Ezequiel Theodoro. **Leitura: perspectivas interdisciplinares**. São Paulo, Ática. 1988.